



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

SILVANA GUARNIERI

**Sexualidade e escolha de objeto na teoria psicanalítica freudiana e nas
teorias biológicas do comportamento humano**

SÃO CARLOS

2015

**SEXUALIDADE E ESCOLHA DE OBJETO NA TEORIA PSICANALÍTICA
FREUDIANA E NAS TEORIAS BIOLÓGICAS DO COMPORTAMENTO
HUMANO**

SILVANA GUARNIERI

**Sexualidade e escolha de objeto na teoria psicanalítica freudiana e nas teorias
biológicas do comportamento humano**

Dissertação apresentada no
Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSCAR
para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientação: Richard Theisen Simanke

Apoio: Fapesp

São Carlos

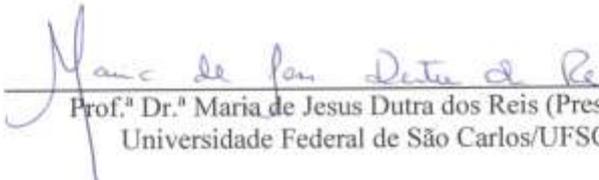
2015



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

COMISSÃO JULGADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Silvana Guarnieri
São Carlos, 14/03/2014


Prof.ª Dr.ª Maria de Jesus Dutra dos Reis (Presidente)
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar


Prof.ª Dr.ª Christiane Carrijo Eckhardt Mouammar
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" /UNESP


Prof.ª Dr.ª Josiane Cristina Bocchi
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" /UNESP

Submetida à defesa em sessão pública
realizada às 09h no dia 14/03/2014.

Comissão Julgadora:

Prof.ª Dr.ª Maria de Jesus Dutra dos Reis
Prof.ª Dr.ª Christiane Carrijo Eckhardt Mouammar
Prof.ª Dr.ª Josiane Cristina Bocchi

Homologada pela CPG-PPGpsi na

_____*.Reunião no dia ____/____/____

Prof.ª Dr.ª Deisy das Graças de Souza
Coordenadora do PPGpsi

Dedico este trabalho carinhosamente ao Rafa, à minha mãe e ao meu irmão, por todo o amor e confiança.

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer à FAPESP pelo apoio financeiro que viabilizou este trabalho. Aos funcionários e professores do Programa de Psicologia da UFSCar, especialmente à Marinéia pela simpatia e disposição em ajudar sempre.

Agradeço ao Prof. Richard Theisen Simanke, pela orientação e pela disposição em acompanhar esse trabalho mesmo em meio a mudanças.

Às professoras Christiane Carrijo e Josiane Bocchi, pelas orientações na qualificação e depois pela participação tão esmerada como banca examinadora, com contribuições essenciais para a finalização do trabalho. Para além disso, agradeço a consideração, a amizade e o carinho.

Aproveito também para agradecer a contribuição de outros profissionais que embora não tenham feito parte deste projeto diretamente, auxiliaram com orientações, conselhos e direcionamentos que me permitiram chegar até aqui. Dentre esses, agradeço aos meus professores da Unesp Bauru, em especial o Prof. Kester Carrara, o Prof. André Gellis, a Prof.^a Norma e a Prof.^a Saletinha, elementos importantíssimos na minha formação como psicóloga. E também agradeço aos professores Júlio de Rose e Débora Holanda pelas contribuições durante esses anos de pesquisa.

Considerando aqueles que contribuíram para a minha formação, destaco os agradecimentos à Prof.^a Christiane, por ter sido a primeira pessoa que realmente me mostrou como se trabalha com psicanálise, por incentivar, instruir e acima de tudo por sempre valorizar o aspecto humano da pesquisa. E ao Prof. Amauri, pelas melhores conversas de laboratório e de bar, sem as quais eu não teria me interessado pela pesquisa. Vocês dois são, além de mestres, grandes amigos.

Aos amigos mais antigos de faculdade, Bruno, Rafael, Priscila, Tatiana e Leila; eu sempre serei agradecida por ter convivido, dividido angústias, anseios e conquistas de forma tão rica e especial com vocês. E aos novos amigos feitos aqui no Programa que foram essenciais para a sobrevivência durante o processo, tanto pelo apoio nos estudos quanto pela companhia para a cervejinha; entre eles, Luiza, Vitor, Grazi, Junior e Marcelo. E também à Nathalia, parceira desde a Unesp que nos acolheu em São Carlos com tanto carinho.

Agradeço aos meus pais, Margarida e Silvano, por todo apoio que me deram desde a graduação e por confiarem em mim com amor inquestionável. Ao meu irmão Marcelo e à minha cunhada Juliana que sempre estão com a mão estendida para ajudar

com tanto amor. À minha irmã Alessandra, ao meu cunhado Henrique, a minha amiga/irmã Julianinha e aos sobrinhos mais lindos desse mundo, Lívia e Thiago, pelo carinho e compreensão. Agradeço também à Júlia, à Sandra e o Carlos pelo apoio. Vocês dão sentido a palavra família, formam o meu porto seguro e minha fonte de renovação, sem vocês eu não teria chegado até aqui.

E dentre os familiares, aqueles que são irmãos que eu escolhi na Unesp, Thiago, Gorete e Ginê, não sei nem como explicar o quanto vocês fazem parte desse processo, pelos trabalhos em grupo, pelas reuniões de madrugada, pelos choros coletivos, pelas risadas que demos mesmo quando tudo era contrário ao que somos e queremos ser, por isso e pelo apoio psicológico, teórico, metodológico e emergencial; eu sempre serei agradecida. Obrigado por me ajudarem a ser eu mesmo.

E por fim, ao senhor Rafael Barreiro Colmanetti, meu parceiro, meu melhor amigo, meu amor e meu comparsa. Não teria sido assim se não fosse com você, espero que essa seja uma primeira conquista de muitas que iremos alcançar. Obrigado por me ensinar o verdadeiro sentido de amar, mas obrigado sempre será muito pouco por tudo que você fez e continua fazendo por mim.

E por último, mas o primeiro, à Deus e a todas pequenas coisas do universo que de alguma maneira se alinharam e criaram luz sobre o meu caminho. Entre elas, os meus gatos Pumpkin e Zucchini que carinhosamente nos acompanharam deitados em livros e computadores sem questionar a bizarrice das escolhas humanas e também a Meg, a melhor cachorra do mundo.

“Cada um de nós, portanto é uma tábua complementar de um homem, porque cortado como os linguados, de um só em dois; e procura então cada um o seu próprio complemento.”

(Platão, O Banquete)

“Há um cerne resistente, irreduzível e obstinado de urgência biológica, de necessidade biológica, de razão biológica que a cultura não pode alcançar, e que se reserva o direito – que mais cedo ou mais tarde exercerá – de julgar a cultura, de resistir à cultura e de revisá-la”.

(Trilling, Beyond Culture)

RESUMO

GUARNIERI, S. **Sexualidade e escolha de objeto na teoria psicanalítica freudiana e nas teorias biológicas do comportamento humano**. 2015. 70 f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2015.

Embora a relação entre a psicanálise e a biologia tenha sido negada por grande parte dos seguidores freudianos, hoje muito tem sido pesquisado na obra freudiana, retomando seus conceitos dentro do viés naturalista. Visando o aprofundamento dessas relações, este trabalho tem como objetivo analisar as convergências entre o conceito psicanalítico de escolha de objeto e estudos sociobiológicos a respeito da escolha de parceiros. Para a psicanálise, a sexualidade humana não tem como objetivo principal a reprodução, porém este fato não nos afasta das concepções biológicas da sexualidade, como é apontado por diversos teóricos da biologia e ao contrário de uma visão bastante difundida dentro dos meios psicanalíticos. Tratam-se, assim, de analisar como a psicanálise e a biologia estudam esse aspecto do comportamento sexual humano, compreendendo as suas especificidades, mas procurando também avaliar sua convergência e o grau de complementaridade que é possível aí estabelecer.

Palavras-chave: psicanálise freudiana; teoria da sexualidade; escolha de objeto; sociobiologia.

ABSTRACT

GUARNIERI, S. **Sexuality and Object Choice in the Freudian psychoanalytic theory and the biological theories of human behavior.** 2015. 70 f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2015.

Although the relationship between psychoanalysis and biology has been denied by many Freudian followers, today much study has been done in Freud's work, resuming his concepts within the naturalistic bias. Aiming to deepen these relationships, this study aims to analyze the convergences between the psychoanalytic concept of object choice and sociobiological studies regarding choice of partners. For psychoanalysis, human sexuality doesn't have a main objective to reproduce, but this does not take us away from biological conceptions of sexuality, as is pointed out by several theoretical biology and contrary to a widespread view within the psychoanalytic means. It is thus to analyze how psychoanalysis and biology study this aspect of human sexual behavior, including their specificities, but also looking to evaluate their degree of convergence and complementarity that can then establish.

Keywords: Freudian Psychoanalysis; Theory of Sexuality, Object Choice; Sociobiology.

Sumário

Introdução	12
1. A sexualidade na obra freudiana	18
1.1 As concepções de objeto e a escolha de objeto	29
1.2 O complexo de Édipo e o complexo de castração	34
2. A questão da Sexualidade na Biologia	40
2.1 A sexualidade na sociobiologia de Wilson e outros comentadores	42
2.2 O tabu do incesto e os sistemas de escolhas de parceiros.	50
3. Discussão	61
3.1 A questão da sexualidade	62
3.2 A tensão entre endogamia e exogamia	66
4. Considerações finais	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73

Introdução

Pesquisadores como Sulloway (1992) e Kandel (2005) têm retomado a leitura da obra freudiana, buscando compreender seu autor como um homem de seu tempo, e formado nas teorias biológicas desenvolvidas em sua época, entre elas a teoria darwinista da evolução. A teoria freudiana demonstrou influências materialistas e racionalistas nas tentativas de formular um modelo de explicação para o comportamento humano, tanto no aspecto individual como social. Buscando compreender a base do funcionamento da mente humana, Freud ampliou sua teoria para compreensão do homem dentro da sociedade e de seu comportamento enquanto indivíduo de uma espécie dotada de capacidade para a cultura, mas nem por isso descolada de sua natureza biológica. Sua teoria é marcada, entre outras coisas, por contribuir com uma nova perspectiva na separação entre loucura e sanidade ou normal e patológico. Ela rompe com diversos paradigmas de seu tempo, **desconstruindo a relação racional entre o eu e o mundo, com a criação do conceito de inconsciente**. Além disso, com o desenvolvimento da teoria dos instintos, exclui a ideia de que o homem possa controlar plenamente seus atos, sem ser influenciado pela sua base biológica e estrutural.

No desenvolvimento de seus conceitos teóricos, Freud não hesita em usar termos e estabelecer relações com as ciências biológicas, destacando que a psicanálise por si só não encontrará subsídios para explicações de alguns fenômenos, como pode ser constatado, exemplarmente, em *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920). Com o surgimento e desenvolvimento da escola francesa de psicanálise, sobretudo, o viés biológico foi substituído pelo linguístico e antropológico, o que se refletiu, inclusive, em divergências na tradução dos textos freudianos, causando pequenas mudanças que, ao longo dos anos, afastaram a psicanálise da vertente naturalista. Atualmente, com a revisão destas interpretações, foram retomados e tornaram-se, até mesmo, frequentes, os estudos da obra freudiana que consideram suas possíveis relações com as ciências biológicas.

Dentro desse contexto e seguindo essa orientação, este trabalho visa retornar sobre a teoria freudiana da sexualidade – e, dentro desta, sobre a questão da escolha de

objeto –, buscando suas possíveis relações com as teorias biológicas e com a sociobiologia em particular. Em sua principal obra respeito do tema, os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905), Freud traz à discussão o caráter normal ou patológico (perverso) que pode ser atribuído à sexualidade, relacionando-os ao que era então estabelecido como uma norma social e recolocando em discussão se o comportamento sexual pode ser definido como tendo por objetivo exclusivo a reprodução. Ele aponta como, uma vez que seja assumida essa restrição da sexualidade à relação genital heterossexual, uma enorme gama de comportamentos geralmente considerados como patologias sexuais não poderia, em sentido estrito ser sequer considerado como sexuais. Freud detecta como que uma contradição interna nas teorias da época entre a intenção]do conceito de sexualidade (que a equipara à reprodução) e a sua extensão (que o aplica às perversões).

Assim, Freud se empenha numa verdadeira redefinição do próprio conceito de sexualidade, procurando demonstrar que a mesma não pode ser definida por um objeto biologicamente adequado (um a vez que o mesmo pode variar enormemente, como o demonstram as perversões), mas sim, em última instância pela sua metade prazer: o que pode ser identificado como sendo comum aos mais diversos aspectos da sexualidade seria a busca e a obtenção do prazer, que é descrita inicialmente como sendo autoerótica, onde todo o corpo pode ser virtualmente explorado como uma zona erógena.

Apenas ao longo de seu desenvolvimento, a sexualidade seria direcionada para seus diferentes objetos. Logo, para Freud, o desvio em relação ao objeto adequado à reprodução não caracteriza uma patologia, mas sim uma diferenciação ou uma variação dentro comportamento sexual médio da espécie.

Neste momento histórico, a ciência e a medicina da sexualidade ainda eram extremamente enviesadas pela busca do estabelecimento de normas que regulassem a vida social de acordo com os valores vigentes. Por isso, para muitos intérpretes posteriores, essa obra freudiana assumiu um caráter libertário e, ao mesmo tempo, foi considerada o defendendo uma ruptura entre o humano e o animal, de tal maneira que ela se afastaria de toda e qualquer concepção naturalista do homem e da ciência. Para tal visão da psicanálise, o fato de a sexualidade não ter como objetivo a reprodução seria indicador de um comportamento sem função biológica e exclusivo da espécie humana. Porém, podemos encontrar nas teorias biológicas da sexualidade afirmações que

claramente convergem com as posições freudianas. Assim, por exemplo, como afirma Wilson:

O sexo é básico para a biologia humana; é um fenômeno multiforme que permeia todos os aspectos de nossa existência e assume novas formas a cada passo no ciclo da vida. Sua complexidade e ambiguidade são devidas ao fato de o sexo não ter na reprodução o seu objetivo primordial. A evolução inventou, para as criaturas multiplicarem-se, meios muito mais eficientes que os complicados procedimentos de acasalamento e fecundação. (...) Se a multiplicação fosse o único propósito do comportamento reprodutivo, nossos antepassados da classe dos mamíferos poderiam ter evoluído sem o sexo. Todos os seres humanos poderiam ser assexuados e germinar nova descendência a partir das células superficiais de um útero neutro. (Wilson, 1978, p. 121)

Os estudos da sociobiologia parecem, assim, ir ao encontro da definição freudiana da sexualidade na espécie humana, relevando, como foi apontado, que, se o sexo tivesse como único objetivo a reprodução, não teria evoluído da maneira como evoluiu. Estudos evolucionistas irão apontar como o comportamento sexual se desenvolveu na espécie humana, assim como em todas as outras espécies, visando melhorar sua adaptação ao ambiente:

Finalmente, os órgãos sexuais não existem em isolamento. Estes são adaptados aos hábitos sociais e ciclo de vida de seus proprietários, que a seu passo são adaptados aos hábitos de coleta de comida. Em nosso próprio caso, isso significa, entre outras coisas, que a evolução dos órgãos sexuais está inter-relacionada com a evolução do uso de ferramentas pelos humanos, os cérebros grandes e as práticas de cuidados com as crianças. Portanto, nossa evolução de sermos apenas mais uma grande espécie de mamífero para sermos unicamente humanos depende da remodelação não apenas de nossas pélvis e crânios, mas também de nossa sexualidade. (Diamond, 1991, pág. 56)

Portanto, as peculiaridades do comportamento humano, o comportamento sexual sem objeto definido, aparentemente tão diferente dos outros animais, evoluiu sob as mesmas pressões seletivas que determinaram o surgimento das demais características morfológicas e comportamentais humanas, tal como ocorre com as demais espécies.

Pode-se, assim, sustentar que a espécie humana não se diferencia absolutamente de todas as outras por ter desenvolvido hábitos específicos na sua vida sexual, mas compartilha peculiaridades comportamentais que estão presentes em todas as espécies, seja em seus comportamentos sexuais, sociais ou de alimentação.

Dentro desta perspectiva, em que o ser humano é estudado como apenas mais um mamífero com suas especificidades, muito se tem levantado a respeito da escolha de parceiros. Diamond (1999) aponta que, cada vez mais, se observa que os padrões de escolha envolvem fatores que comumente não imaginamos como relevante, como por exemplo, a similaridade do lóbulo auricular ou do tamanho do dedo do meio, dados apontados em pesquisas estatísticas como tão relevante como a opção religiosa ou visão política. Esses indícios levam-nos a crer que as variáveis que determinam a seleção de parceiros não estejam ligadas apenas a questões sociais e culturais, mas também ao desenvolvimento genético do indivíduo.

Ainda de acordo com Diamond, esses estudos demonstraram que há uma grande similaridade dos parceiros com familiares; um homem heterossexual será atraído por parceiras com traços físicos similares aos de sua família, porém não próximos demais, a ponto de que possa ser confundida com um de seus familiares. Essa constatação está de acordo com o que se deveria esperar de uma tendência comportamental que evoluiu através da seleção natural, tal como concebida pelo neodarwinismo contemporâneo. Segundo essa visão, os comportamentos que favorecem e aumentam a representação dos genes do indivíduo no pool genético da população da qual faz parte tendem a ser selecionados e a se tornarem dominantes. Nesse sentido, o acasalamento com parceiros geneticamente semelhantes seria favorecido, uma vez que isso resultaria em uma prole dotada de genes mais semelhantes aos do progenitor em questão. Como a semelhança física é um indicador externo relativamente confiável de homogeneidade genética, isso explicaria a preferência, em termos estatísticos, por parceiros dotados de traços físico semelhantes.

Um limite para essa tendência, no entanto, é o aumento da probabilidade do surgimento de doenças genéticas causadas por alelos que são inócuos ou benéficos na sua forma híbrida, mas deletérios ou mesmo letais quando ocorre o pareamento das formas recessivas (o acasalamento com parceiros geneticamente semelhantes aumenta as chances de isso ocorrer). Surge, assim, uma espécie de tensão biológica entre uma

tendência a acasalar com parceiros geneticamente semelhantes e o limite imposto a essa tendência, devido ao fato de que ela se torne desadaptativa, caso se imponha além de determinado ponto.

Essa questão é trabalhada, à sua maneira, também por Freud, sobre tudo na sua teorização sobre o Complexo de Édipo. Ele demonstra aí que as relações do indivíduo com seus familiares (sejam consanguíneos ou não) influenciam e são determinantes para o desenvolvimento da sua vida sexual adulta. Por um lado, as relações parentais fornecem os modelos para as escolhas de objeto futuras; por outro, há um conflito inerente a essas escolhas, institucionalizado, por exemplo, pelos tabus relativos ao incesto, cuja expressão social Freud explorou intensamente na formulação de sua teoria do Édipo. Esta poderia ser, assim, interpretada como uma construção clínica e especulativa que descreve as consequências psíquicas de uma tensão biológica de base, que é, por sua vez, abordada a seu modo pela biologia evolucionária.

Haveria, portanto, complementaridade entre as duas teorias, em vez da incompatibilidade que é mais frequentemente apontada. Para a formulação do Complexo de Édipo, Freud percorreu um caminho buscando justamente entender como se estabelecia o tabu do incesto sexual na sociedade, assim como a forma pela qual é introduzi dano desenvolvimento infantil o conceito de moralidade que permite que convivamos de maneira social e civilizada. Freud observará, em seus estudos, que a criança não nasce com essa concepção, pois visa em suas ações somente a obtenção de prazer; a concepção de certo e errado, a noção de culpa, é introduzi da pelas figuras paternas, processo que faz parte do desenvolvimento do Complexo de Édipo.

O Complexo de Édipo representaria, na teoria freudiana, o modelo teórico central para tratar a questão da escolha de objeto. Toda essa narrativa elaborada por Freud para explicar o desejo pelo pai ou pela mãe, a culpa provocada pelas fantasias de parricídio e a angústia de castração pode ser compreendida como um esforço para dar conta das evidências clínicas e da observação do desenvolvimento que expressam, em última instância, uma necessidade fisiológica de evitar a reprodução entre parentes próximos e garantira variabilidade da espécie, em permanente conflito coma tendência que aponta em sentido contrário. Como Freud mesmo observou, aquilo que não é desejado não precisa ser proibido. A biologia pode, nesse contexto, fornecer uma explicação complementar à psicanalítica de por que o incesto é desejado.

Outro ponto crucial dentro da formação do complexo de Édipo que permite compreendermos a questão de escolha de objetos na espécie humana, é o conceito de narcisismo, segundo o qual o indivíduo tende a tomar como modelo de objeto uma imagem de si mesmo. A psicanálise poderia, assim, igualmente fornecer um complemento importante para as teorias biológicas do comportamento, explorando todas as distorções e todas as complicações a que certas tendências biológicas básicas são submetidas quando se trata do comportamento complexo dessa espécie peculiar que é o ser humano.

Neste ponto, pode-se observar que, tanto para a sociobiologia e para biologia evolucionária como um todo, quanto para a psicanálise freudiana, a sexualidade evoluiu na espécie humana no sentido de contribuir para a sobrevivência e para convivência social. Uma vez que a questão de escolha de objetos perpassa temas centrais da psicanálise, investigar mais a fundo as possíveis relações com a biologia e sociobiologia permitiria levantar importantes dados para melhor compreensão do fenômeno em si e das teorias envolvidas. Desta forma, o trabalho tem como objetivo descrever, analisar e avaliar o grau de convergência entre a concepção psicanalítica freudiana e a concepção biológica a respeito da questão da sexualidade e da escolha de objeto.

1. A sexualidade na obra freudiana

A proposta da metapsicologia freudiana ficou conhecida pela quebra de paradigmas de seu tempo, entre as diversas dificuldades que Freud encontrou para o estabelecimento de suas suposições na sociedade, as questões relativas à sexualidade, de acordo com o próprio autor, foram as mais difíceis de serem esclarecidas. Vemos uma dessas afirmações no prefácio da quarta edição dos Três Ensaio da Teoria da Sexualidade (1905), em que ele aponta a necessidade de insistir na importância da vida sexual para todas as realizações humanas e a ampliação do conceito de sexualidade, principalmente no que se refere à sexualidade infantil, que configurava naquele momento o maior ponto de divergência e dificuldade de aceitação da psicanálise na sociedade.

Parte crucial para compreensão da sexualidade foi o estudo das neuroses mais frequentes na clínica, com grande destaque para a histeria. A relação entre a histeria e a sexualidade já é dada pelo próprio nome, *hystera*, em grego, significa útero e desde a antiguidade compreendia-se que a histeria de alguma maneira surgia da relação da mulher com sua sexualidade. As concepções sobre o que seria causa de tais sintomas variaram ao longo da história, a denominação “histérica” se referia a uma mulher que estaria sendo sufocada pelo próprio útero, que caminhava pelo corpo, ou ainda poderia estar possuída por espíritos.

O contato inicial de Freud com a histeria ocorreu em parceria com o trabalho de Breuer e de Charcot. No estágio de Paris no ano de 1885, com Charcot, Freud entra em contato com outra visão sobre as pacientes histéricas, o médico francês acreditava que as pacientes sofriam de algum tipo de transtorno e foi justamente o responsável por incluir a histeria nos estudos de neurologia, ou seja, foi responsável por uma dessexualização do sintoma histérico.

Após o estágio em Paris, Freud volta a Viena dá início ao trabalho clínico, acompanha o tratamento de Ana O. junto a Breuer. Novas hipóteses são levantadas, suas suposições são descritas em algumas das cartas trocadas com Fliess no período entre 1896 e 1897. Nestas apresenta a teoria da sedução, a qual compreendia que os traumas sexuais relatados pelas pacientes haviam sido de fato vivenciados, Freud

acreditava que uma experiência sexual ocorrida precocemente era revivida na vida adulta.

Vemos assim que Freud diverge de Charcot no sentido de compreender que havia um trauma, mas que este não estava representado fisicamente no organismo, e também de Breuer que salientava que os traumas sexuais poderiam ser parte da fantasia das pacientes histéricas, não tendo ocorrido na vida real necessariamente.

É importante destacar aqui que não pretendemos analisar a contribuição freudiana para o estudo da histeria, muito menos a sua relação com Charcot ou Breuer, apenas compreender em que contexto a temática da **sexualidade se destaca como um dos pontos principais da metodologia freudiana.**

Buscando traçar este trajeto, vemos que pouco a pouco Freud abandona a teoria da sedução, os famosos casos clínicos publicados nesta época, evidenciam ao mesmo tempo a eficácia de um novo método de tratamento, a associação livre, para histéricas e a importância do histórico sexual.

Influenciado pelas inúmeras experiências clínicas e pelos resultados da utilização da associação livre e do método catártico, Freud se depara com as primeiras dificuldades de abordagem a sexualidade, a falta de estudos e esclarecimentos em relação à postura médica diante do tema, enfaticamente aponta que a moral vigente atrapalhava a investigação científica. Assim, em 1898 escreve a *Sexualidade na Etiologia das Neuroses*, onde apresenta uma proposta para melhor compreensão das neuroses:

Os médicos costumam interessar-se muito pouco pelas questões discutidas entre os neuropatologistas com relação às neuroses: se é justificável, por exemplo, estabelecer uma diferenciação estrita entre histeria e neurastenia, se é possível distinguir ao lado delas a histeroneurastenia, se as obsessões devem ser classificadas juntamente com a neurastenia ou reconhecidas como uma neurose distinta, e assim por diante. E a rigor, é bem possível que essas distinções sejam irrelevantes para o profissional, desde que não haja outras consequências das decisões a que se tenha chegado - nenhum aprofundamento maior da compreensão e nenhuma indicação para um tratamento terapêutico -

e desde que o paciente seja sempre enviado a um estabelecimento hidropático e informado de que não há nenhum problema com ele. A situação será diferente, entretanto, se for adotado nosso ponto de vista sobre as relações causais entre a sexualidade e as neuroses. Nesse caso, um novo interesse será despertado pela sintomatologia dos diferentes casos neuróticos, e passará a ter importância prática que se possa decompor corretamente o complicado quadro em seus componentes, assim como nomeá-los com acerto. E isso porque a morfologia das neuroses pode ser traduzida, com pouca dificuldade, em sua etiologia, e o conhecimento desta última leva, naturalmente, a novas indicações quanto aos métodos de cura. (Freud, 1898, p. 255)

Nesta obra inicial Freud (1898) discorre sobre diversos casos, a fim de apontar a relevância da investigação a respeito da sexualidade, começa a esclarecer a importância da investigação da história infantil do paciente e das implicações desta na neurose atual. Destaca desta maneira, que os principais fatores que determinam a psicose não pertencem ao momento presente, pertencem a uma época muito antiga da vida, pré-histórica, como a primeira infância e embora o paciente não tenha lembranças exatas, o esquecimento não ocorreu completamente, apenas em determinado sentido. Conclui que: “em todo caso de neurose há uma etiologia sexual” (Freud, 1898, p.256), e neste momento acreditava que no caso da neurastenia ela seria contemporânea, enquanto as psicoses de natureza infantil.

O tom do diálogo freudiano com o leitor nesta obra mostra claramente a preocupação de que este tema seja deixado de lado pelo simples preconceito moral de abordá-lo:

É preciso romper a resistência de toda uma geração de médicos que já não conseguem lembrar-se de sua própria juventude; o orgulho dos pais, que não se dispõem a descer ao nível da humanidade ante os olhos de seus filhos, precisa ser superado; e o puritanismo insensato das mães deve ser combatido. (Freud, 1898, p. 264).

E neste sentido Freud rompe com o discurso médico da época; muitos compreendem que esta seria uma postura apenas libertária, e não questionamos este aspecto neste momento, mas poderemos ver mais a frente que a maneira como Freud

trata a sexualidade tem implicações muito maiores. Já em 1898, Freud tinha clareza que a sexualidade exercia um papel determinante na etiologia das neuroses, configurando os conteúdos mais relevantes do histórico dos pacientes de Freud.

Outro ponto de destaque ainda nessa obra (1898) é o primeiro esboço do que seria a sexualidade infantil, nas palavras do autor:

Erramos ao ignorar inteiramente a vida sexual das crianças; segundo minha experiência, as crianças são capazes de todas as atividades sexuais psíquicas, e também de muitas atividades somáticas. *Assim como a totalidade do aparelho sexual humano não está compreendida nos órgãos genitais externos e nas duas glândulas reprodutoras*, também a vida sexual humana não começa apenas na puberdade, como poderia parecer a um exame superficial. Contudo, *é verdade que a organização e a evolução da espécie humana se esforçam por evitar uma ampla atividade sexual durante a infância*. (Freud, 1898, p. 266, grifos nossos)

A sexualidade na infância surge como ponto para se compreender que a sexualidade não estava apenas ligada a cópula, mas sim a todo processo de estimulação física e psíquica que dão origem a excitação. Esse ponto será crucial para a proposta a ser apresentada posteriormente nos Três Ensaio sobre a Sexualidade (1905). Além disso, podemos destacar aqui, vestígios de uma concepção determinista da sexualidade, não é apenas a cultura e a educação que atuam como agentes repressores da sexualidade infantil, a natureza surge como parte determinante deste processo.

As notas do tradutor (1905) a respeito da obra indicam que quando este artigo foi publicado, Freud já tinha delineado o complexo de Édipo e estava preparando o texto da Interpretação dos Sonhos. Por isso, de acordo com o tradutor, o texto foi tratado com certo desdém. Porém a sexualidade se tornava cada vez mais um tema premente para a psicanálise e nos Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905) Freud buscará discorrer amplamente sobre o tema, formando o texto mais importante sobre este tema em sua obra.

Logo no primeiro parágrafo do primeiro ensaio, Freud apresenta posição naturalista na qual busca inserir os estudos sobre a sexualidade:

O fato da existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de um “instinto sexual”. Sugere-se nisso a analogia com o instinto de nutrição: a fome. Falta à linguagem vulgar [no caso do instinto sexual] uma designação equivalente à palavra “fome”, a ciência vale-se para isso de libido. (Freud, 1905, p.13).

Assim, a palavra libido não surge como um conceito completamente desligado das ciências biológicas, ela demarca a visão freudiana de que a sexualidade se apoia na função biológica, assim como a fome se apoia na necessidade fisiológica de nutrir-se para sobreviver.

O cerne da discussão neste ensaio é a questão do caráter normal ou patológico (perverso) que pode ser atribuído à sexualidade, relacionando-os ao que era então estabelecido como uma norma social e recolocando em discussão se o comportamento sexual pode ser definido como tendo por objetivo exclusivo a reprodução:

Considera-se como alvo sexual normal a união dos genitais no ato designado como coito, que leva à descarga da tensão sexual e à extinção temporária do instinto sexual (uma satisfação análoga a satisfação da fome). *Todavia mesmo no processo sexual mais normal se reconhecem-se rudimentos daquilo que, se desenvolvendo, levaria às aberrações descritas como perversões.* É que certas relações intermediárias com o objeto sexual (a caminho do coito), tais como apalpa-lo e contempla-lo, são reconhecidas como alvos sexuais preliminares. Essas atividades, de um lado trazem prazer em si mesmas, e de outro, intensificam a excitação, que deve perdurar até que se alcance o alvo sexual definitivo. (...) *Aí estão, portanto, fatores que permitem ligar as perversões à vida sexual normal e que também são aplicáveis à classificação delas.*” (Freud, 1905, pg.28, grifos nossos)

Ele aponta como, uma vez que seja assumida essa restrição da sexualidade à relação genital heterossexual, uma enorme gama de comportamentos geralmente considerados como patologias sexuais não poderia, em sentido estrito ser sequer considerado como sexuais. Freud detecta como que uma contradição interna nas teorias da época entre a intensão do conceito de sexualidade (que a equipara à reprodução) e a sua extensão (que o aplica às perversões).

A ciência e a medicina da sexualidade ainda eram extremamente enviesadas pela busca do estabelecimento de normas que regulassem a vida social de acordo com os valores vigentes. Por isso, para muitos intérpretes posteriores, essa obra freudiana assumiu um caráter libertário e, ao mesmo tempo, foi considerada o defendendo uma ruptura entre o humano e o animal, de tal maneira que ela se afastaria de toda e qualquer concepção naturalista do homem e da ciência. Para tal visão da psicanálise, o fato de a sexualidade não ter como objetivo a reprodução seria indicador de um comportamento sem função biológica e exclusivo da espécie humana. Porém, podemos encontrar nas teorias biológicas da sexualidade afirmações que claramente convergem com as posições freudianas, como demonstraremos mais adiante.

Assim, no primeiro ensaio, Freud se empenha numa verdadeira redefinição do próprio conceito de sexualidade, procurando demonstrar que a mesma não pode ser definida por um objeto biologicamente adequado (uma vez que o mesmo pode variar enormemente, como o demonstram as perversões), mas sim, em última instância pela sua meta de prazer. Logo, para Freud, o desvio em relação ao objeto adequado à reprodução não caracteriza uma patologia, mas sim uma diferenciação ou uma variação dentro comportamento sexual da espécie. Nas palavras do autor:

(..)a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta nas pessoas sadias e que é por elas julgado como qualquer outra intimidade. (Freud, 1905, p.39).

Para compreensão de como nas perversões ocorre um desvio em relação ao objeto, Freud apresenta a definição do conceito de instinto. O instinto seria o representante psíquico de fonte endossomática de estimulação, um conceito limite entre o anímico e o físico. O chamado instinto sexual é composto por instintos parciais, que ao longo do desenvolvimento infantil conforme algumas regiões vão sendo estimuladas sensorialmente (sejam essas regiões predispostas como zonas erógenas ou não) estas ficariam carregadas energicamente, podendo ocasionar no futuro uma preponderância do instinto parcial dessa região. Esse ponto é imprescindível para a compreensão da sexualidade na infância, não há inicialmente um objeto definido e os instintos estão direcionadas para o próprio sujeito, o que caracteriza a sexualidade infantil como sendo auto erótico, portanto perversa e polimorfa.

No segundo ensaio, Freud se aprofunda nas questões relativas à sexualidade infantil, rompendo completamente com a teoria da sedução apresentada anteriormente. A teoria da sedução já havia sido abandonada em 1897, mas como pudemos ver na *Sexualidade na Etiologia das Neuroses* (1898), Freud ainda não havia desenvolvido completamente as questões sobre a sexualidade na infância, o que estava claro até o momento era que a sexualidade não se iniciava apenas na puberdade como havia se pensado e que já na infância os instintos sexuais se fazem presentes mesmo sem estimulação externa.

Outro ponto relevante sobre o segundo ensaio é a diferenciação entre a sexualidade adulta e a infantil. Na infância não temos ainda um eu formado, como não há polarização em relação a um objeto, o polimorfismo seria de utilidade para a exploração das diversas possibilidades corporais de estimulação sexual. Pode-se dizer que na criança encontram-se os dados primitivos da sexualidade a ser desenvolvida completamente na idade adulta. Cada região corporal explorada serve como uma zona erógena, o que poderá ou não permanecer no futuro, seja pela sua constituição ou caráter filogenético (derme mais sensível, mais irrigações nervosas) ou pela história individual do sujeito.

A excitação sexual surge como um subproduto de diversos processos orgânicos necessários ao desenvolvimento, mas o comportamento só é considerado como sexual quando esta função cessa. A sexualidade, portanto, se apoia na função biológica, mas se efetiva quando essa função atinge seu objetivo. Freud descreve o chuchar da criança como primeiro exemplo da sexualidade. Inicialmente a criança suga o peito motivada pela fome, a satisfação da fome provoca uma sensação de prazer associada ao ato de sugar, essa sensação prazerosa poderá ser buscada novamente mesmo sem a necessidade de alimentação.

A ideia que se desenvolve é de que podemos identificar algumas zonas erógenas predestinadas, mas que não podemos desconsiderar que outras regiões possuam aptidão para o mesmo de acordo com a qualidade do estímulo, ou seja, a sensação prazerosa em determinada região se apoia na função biológica, mas pode ser diversificada de acordo com a histórico de estimulação individual, enfim sobre as zonas erógenas Freud conclui:

Existem zonas erógenas predestinadas, como mostra o exemplo do chuchar. Mas esse exemplo ensina também que qualquer outro ponto da pele ou da mucosa pode tomar a seu encargo as funções de uma zona erógena, devendo, portanto, ter certa aptidão para isso. Assim, a qualidade do estímulo, mais do que a natureza das partes do corpo, é que tem a ver com a produção da sensação prazerosa.” (Freud, 1905, p.173)

O processo de desenvolvimento psicosexual ocorre então apoiado nas funções biológicas, conforme a maturação física novas áreas surgem como protagonistas. Assim, o mesmo processo que ocorre em relação ao chuchar ocorrerá nas outras zonas erógenas, de maneira que, a criança passa por períodos onde há maior concentração de estimulação em determinada região.

Logo após a exploração oral, advinda do primeiro processo de amamentação/alimentação, há o desenvolvimento da fase anal, Freud aponta que “tal como a zona dos lábios, a zona anal está apta, por sua posição, a mediar um apoio da sexualidade em outras funções corporais. É de se presumir que a importância erógena dessa parte do corpo seja originariamente muito grande” (p.113, 1905). Na fase anal vem à tona outro caráter importante da sexualidade, a possibilidade de controle sobre a obtenção de prazer, na fase anterior a criança depende da presença da mãe ou de um substituto para que possa efetuar o prazer do chuchar, já na fase anal, o desenvolvimento do controle de esfíncter viabiliza a autonomia sobre a obtenção de prazer através da estimulação do próprio corpo.

Observa-se que inicialmente a criança depende da figura materna ou equivalente para obter a satisfação necessária, a figura viabiliza a meta de obtenção de prazer inicialmente, que a criança começa desenvolver o autoerotismo, ou seja o próprio corpo torna o meio para obtenção de prazer. E a fase anal é marcada por essa exploração de prazer e desprazer, o corpo antes apenas utilizado como substituto ao seio materno para estimulação oral agora começa a atender a função de regular o dividendo de prazer e desprazer para a criança. Freud ressalta que a recusa da criança em ser posta no “troninho” quando isso é desejado pela pessoa que cuida dela demarca esse momento em que a criança quer exercer essa função quando lhe aprouver, a retenção da massa fecal exerce então função masturbatória.

Após a fase anal, inicia-se a chamada fase genital/fálica onde a excitação sexual está concentrada na região da glândula nos meninos e no clitóris nas meninas, sua estimulação está ligada a micção e a necessidade de cuidados de limpeza da região.

Além dessas três caracterizações do alvo sexual infantil, Freud destaca a observação de três fases diferentes da masturbação infantil, a primeira ainda no período de lactância, a segunda na breve florescência da atividade sexual por volta do quarto ano de vida e a última ocorreria já na puberdade. Destarte, delimitam-se as principais características da sexualidade na infância, o autoerotismo e a disposição perversa polimorfa. Todo o corpo da criança é passível de ser estimulado eroticamente e, novamente, Freud reforça a ruptura com a teoria da sedução, no sentido de esclarecer que pode haver uma estimulação externa que desperte a vida sexual na criança, porém a vida sexual pode emergir espontaneamente, proveniente de causas internas.

Na criança ainda não se encontram os impeditivos morais para essa exploração, o que Freud denomina os diques da vergonha e do asco, que emergem ao longo do desenvolvimento. Essas características começam a se desenvolver durante o chamado período de latência, onde os instintos sexuais ficam adormecidos e há um direcionamento para as atividades sociais e culturais. Freud afirma que as regras culturais são introjetadas, ao mesmo tempo em que ocorre um amadurecimento dos caracteres sexuais o que permitirá o desenvolvimento da fase genital posteriormente.

O período de latência divide o desenvolvimento sexual em dois momentos, o da infância e a puberdade, a preparação para a vida sexual adulta. Freud aponta que o período de latência não depende somente da educação, “é organicamente condicionado e fixado pela hereditariedade, podendo produzir-se, no momento oportuno, sem nenhuma ajuda da educação” (Freud, 1905, p.167). A educação pode ser uma alavanca para o desenvolvimento dos impeditivos morais que levaram a criança a abandonar a exploração auto erótica e direcionar o instinto sexual para um objeto além do seu corpo, mas não depende de fatores culturais e educacionais, ocorre por uma determinação biológica.

Ainda caracterizando a sexualidade infantil Freud enfatiza o caráter parcial do instinto sexual na infância. Os instintos sexuais presentes no adulto, já se fazem presentes no comportamento exploratório da criança, cada zona erógena se destaca

como protagonista do alvo da satisfação instintual no decorrer do desenvolvimento, marcando uma divisão do instinto sexual, porém o instinto não deixa de ser um todo; na vida adulta, os instintos parciais se agrupam, tornando difícil a delimitação entre cada um.

Apesar do caráter auto erótico da sexualidade infantil, a parcialidade do instinto nos permite observar que o papel do outro é determinante para a escolha de objeto da criança como objeto em si:

Contudo, devemos admitir que também a vida sexual infantil, apesar da dominação preponderante das zonas erógenas, exhibe componentes que desde o início *envolvem outras pessoas como objetos sexuais*. Dessa natureza são as pulsões do prazer de olhar e de exhibir, bem como a de crueldade, que aparecem com certa independência das zonas erógenas e só mais tarde entram em relações estreitas com a vida genital, *mas que já na infância se fazem notar como aspirações autônomas, inicialmente separadas da atividade sexual erógena*. (Freud, 1905, p.180, grifos nossos)

Junto à florescência do comportamento sexual emerge o instinto de saber, a criança levanta a primeira questão a respeito do mundo, “o primeiro problema de que ela se ocupa, em consonância com essa história do despertar da pulsão de saber, não é a questão da diferença sexual, e sim o enigma; de onde vêm os bebês?” (Freud, 1905, p. 183). Essa questão primordial levará a criança a criar suas próprias teorias em relação ao nascimento e principalmente sobre a natureza da diferença entre os sexos. Nesse momento, Freud apresenta o complexo de castração e a inveja do pênis de maneira bem simples, o complexo de Édipo ainda não tinha sido descrito completamente.

Apresentando o complexo de castração, as organizações sexuais e o bi temporalidade da escolha objetual Freud termina o segundo ensaio, sem se aprofundar nos determinantes dessa escolha, pretendemos apresentar os pontos mais relevantes relativo à questão da escolha de objeto presentes ainda nesta obra na próxima seção. Compreende-se até aqui que o instinto começa a se direcionar para fora do sujeito e neste período ocorre a determinação do que será retomado da infância e permanecerá na idade adulta. Por fim, a sexualidade adulta é caracterizada pela formação do eu, que

possibilita uma escolha de um objeto que pode ser perversa em relação à meta reprodutiva, mas não será polimorfa:

Mas é na [esfera da] representação que se consuma inicialmente a escolha do objeto, e a vida sexual do jovem em processo de amadurecimento não dispõe de outro espaço que não o das fantasias, ou seja, o das representações não destinadas a concretizar-se. Nessas fantasias, as inclinações infantis voltam a emergir em todos os seres humanos, agora reforçadas pela premência somática, e entre elas, com frequência uniforme e em primeiro lugar, o impulso sexual da criança em direção aos pais, quase sempre já diferenciado através da atração pelo sexo oposto: a do filho pela mãe e a da filha pelo pai. Contemporaneamente à subjugação e ao repúdio dessas fantasias claramente incestuosas consuma-se uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas, do período da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais, unicamente através do qual se cria a oposição, tão importante para o progresso da cultura, entre a nova e a velha gerações. Em cada uma das etapas do curso de desenvolvimento por que todos os indivíduos são obrigados a passar, um certo número deles fica retido, de modo que há pessoas que nunca superam a autoridade dos pais e não retiram deles sua ternura, ou só o fazem de maneira muito incompleta. (Freud, 1905, p. 212)

No terceiro ensaio, observamos então um recuo, Freud claramente neste ensaio busca cortar os avanços dos dois ensaios anteriores. Na passagem da sexualidade infantil para adulta, Freud aponta a primazia do genital, há uma escolha de objeto e ela predominantemente está relacionada à reprodução. Muitos apontam que este recuo representaria uma retomada da normatização, mas entendemos que este recuo representa uma atitude metodológica, demonstrando que a sexualidade não é determinada apenas por escolhas voluntárias do sujeito, mas que há, também, uma determinação biológica. O amadurecimento dos caracteres sexuais secundários influencia a escolha do objeto e exerce papel determinante tanto na sexualidade quanto na história individual. No entanto, dizer que há uma primazia genital não significa afirmar que há uma primazia da escolha de objeto heterossexual, como muitos compreendem erroneamente.

Podemos concluir ao final dos três ensaios que inicialmente Freud busca quebrar o conceito normativo estabelecido, amplia o conceito de sexualidade demonstrando

como ela ocorre na infância e que seu desenvolvimento não está atrelado ao objeto sexual que virá a ser escolhido. Ainda demonstra que há uma sexualidade na infância que é diferente da sexualidade adulta, pois na primeira a sexualidade é auto erótica e polimorfa. A escolha de objeto ocorre no final a infância, marcado pelo Édipo, com a formação do eu temos alguém que escolhe, um objeto sexual é escolhido.

1.1 As concepções de objeto e a escolha de objeto

A definição de objeto na obra freudiana nos leva a concepção de um termo polissêmico, pois Freud aparentemente não se preocupou em delimitar em categorias distintas os diversos usos que fez do termo, como em amor de objeto, perda de objeto, relação de objeto e etc. Em Laplanche & Pontalis (1986) vemos que comumente a noção de objeto pode ser encarada sob três aspectos distintos, seja como correlativo da pulsão, correlativo do amor (ou do ódio) ou no sentido tradicional da filosofia.

Em relação a pulsão, compreende-se que a definição de objeto determina em que é porque a pulsão procura atingir o seu alvo, determina assim certo tipo de satisfação. Pode tratar-se de uma pessoa ou de um objeto parcial, de um objeto real ou de um objeto fantasmático. Enquanto o correlativo do amor (ou do ódio), “a relação em causa é então a de pessoa total, ou de instância do ego, com um objeto visado também como totalidade (pessoa, entidade, ideal, etc.)”; o adjetivo que corresponde a este aspecto seria o “objetal”. Já na terceira característica, os autores apontam o sentido mais comum e tradicional, como correspondente de objetivo.

Pode-se dizer que existem diferentes registros do objeto, que não são ordenados apenas em ordem cronológica do desenvolvimento. Se tomarmos a relação da criança com o seio da mãe podemos observar essa transposição paradigmática do objeto entre diferentes registros. Assim, tomando o seio materno como exemplo, ele atende a necessidade de alimentação da criança, determinando a satisfação da fome, sendo correlativo então a necessidade de se alimentar, a pulsão de auto conservação. Depois com o prazer obtido pela alimentação, pelo sugar do seio, a criança pode efetuar as atividades autoeróticas descritas por Freud podendo sugar outros objetos ou o próprio corpo para simular o prazer obtido ao sugar o seio materno, assim o seio que alimentou

atendendo a necessidade de autoconservação, agora ressurgem como objeto de amor, no plano da sexualidade da criança (Bocchi & Simanke, 2012).

Apesar das concepções do objeto não se apresentarem claramente em ordem cronológica no desenvolvimento e suas noções se sobrepõem, podemos dizer claramente que a primeira concepção de objeto é a do *objeto da necessidade*. Este refere-se à satisfação das pulsões de auto conservação. As pulsões de auto conservação ou egóicas, se referem ao conjunto de necessidades biológicas do organismo, que atendem sumariamente a sobrevivência, como a fome, sede, respiração, evacuação, etc. Para a satisfação dessas necessidades, como descrevemos devido à imaturidade do indivíduo, é preciso um auxílio externo que possa interagir por ele no ambiente, interpretando e atendendo as suas necessidades, como já exemplificamos anteriormente a relação entre o bebê e seio materno. Essa intermediação entre o indivíduo e o objeto, feita pelas figuras parentais. Esse caminho de satisfação que servirá de apoio para desenvolvimento da sexualidade, delimita o que Freud chama de escolha por apoio.

Outra concepção do objeto é enquanto *objeto da pulsão*, noção que permeia os Três Ensaio quando Freud tenta explicar a função do objeto na sexualidade infantil. Ao delimitar a sexualidade infantil como auto erótica, fica implícito que o objeto para o qual se direcionam a pulsão sexual da criança não é externo. A pulsão sexual na infância se apresenta dispersa, sua meta é localizada de forma independente nas zonas erógenas. Essa característica anárquica e auto erótica constituem o registro do objeto da pulsão. (Bocchi & Simanke, 2012)

Voltando ao exemplo do bebê se relacionando com o seio materno, Freud (1905) aponta que a criança não se serve de um objeto externo para sugar porque a própria pele está mais acessível, o mundo externo ainda não é acessível de forma independente. Isso não quer dizer que a criança não pode tomar um objeto externo como forma de estimular as zonas erógenas, eventualmente um cobertor, uma chupeta ou outro objeto externo pode ser tomado como análogo ou como auxiliar no estímulo das zonas erógenas. Além disso, o caráter auto erótico infantil não delimita que o corpo possa ser utilizado para obter prazer apenas apoiado nas funções somáticas. E objetos podem ser aí utilizados como partes desse corpo, até mesmo pela imaturidade do organismo e pela dificuldade de diferenciar o eu do mundo que o cerca.

Bocchi & Simanke (2012) apontam ainda que dessa maneira o objeto da pulsão diferente do objeto da necessidade é extremamente plástico, destacando que Freud (1905) declara de início que a pulsão sexual é independente do objeto. Em *Pulsões e destinos de pulsão* (1915), coloca o objeto como um dos componentes que constituem a pulsão, junto da meta, da fonte e da intensidade e a função do objeto passa a estar diretamente integrada ao conceito da pulsão, embora seja o componente menos específico e mais variável na atividade pulsional. Dessa maneira, enfatiza-se o que fora apresentado nos *Três Ensaios* sobre a sexualidade: ela não se define pelo objeto e sim pela meta de obtenção de prazer.

Em 1914, Freud apresenta a *Introdução ao Narcisismo*, que permite esclarecer alguns aspectos em relação ao objeto e ao auto erotismo infantil, auxiliando a compreensão de como partimos da sexualidade autoerótica e anárquica infantil para a sexualidade adulta. O conceito de narcisismo primário contribui para elucidar como as pulsões se direcionam para uma única meta (descarga genital) e ainda do surgimento do que realmente pode ser considerado objeto, no sentido de algo que realmente é necessário para a obtenção de prazer.

Se nos *Três Ensaios* (1905) o auto erotismo é descrito como um desenvolvimento inicial da libido, o narcisismo primário teria a função de apontar inicialmente uma diferenciação entre a libido investida no eu e a libido investida nos objetos, implicando diretamente numa diferenciação entre eu e o objeto, não presente no auto erotismo. Nas palavras de Freud:

É necessário admitir que não existe desde o início, no indivíduo, uma unidade comparável ao eu; o eu tem que ser desenvolvido. Pois bem, as pulsões autoeróticas são iniciais, primordiais; algo, portanto, deve ser agregado ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo se constitua.(Freud, 1914, p.84)

Essa nova ação psíquica é o desenvolvimento do eu, ainda que o objeto no narcisismo seja o próprio corpo, este corpo agora é um conjunto, diferente do que acontecia no auto erotismo. Vimos que como objeto da pulsão, o corpo poderia servir como um objeto de estimulação erógena, e ainda que no narcisismo o corpo seja tomado

como objeto e seja indistinguível dele, nota-se um investimento da libido em direção ao eu de maneira tal a unificá-lo enquanto unidade.

Consideremos ainda a exposição que Freud fez nos *Três Ensaio*s sobre as fases pré genitais, na denominada fase oral, a exploração da oralidade permite subjetivamente uma incorporação do objetos, através dos quais ocorrem identificações que darão a base da formação do eu, sendo esses objetos, mais especificamente - porém não de maneira exclusiva - pautados no campo da necessidade. A autonomia da criança em relação a manipulação do mundo a sua volta, vai se amplificando, de maneira que na fase anal e genital, ela explora a obtenção de prazer através da estimulação das zonas erógenas, dando início a uma exploração do objeto no campo da pulsão. Até que então podemos fazer essa distinção de um objeto da libido, onde o eu, é tomado plenamente como objeto de amor primário da criança. Vale ressaltar ainda que o narcisismo não constitui uma perversão mas sim “o complemento libidinal do egoísmo inerente à pulsão de autoconservação, da qual, justificadamente, se atribui uma dose a todo ser vivo” (Freud, 1914, p. 82).

Freud ainda aponta que a importância de se diferenciar os conceitos de libido do eu e de libido do objeto se dava devido a necessidade de diferenciar os processos neutóticos e psicóticos, e que futuramente esses investimentos primitivos do eu em si mesmo serão redirecionados aos objetos, criando ainda a possibilidade do eu ser retomado como objeto de amor na vida adulta, como um objeto narcísico. Outra função que o conceito de narcisismo traz é a de justificar o desenvolvimento do eu, não apenas pautado na maturação biológica, pois o eu se constitui como unidade psíquica através da assimilação identificatória da imagem do outro percebido como um igual (Simanke, 1994).

Apresentamos até agora, o objeto no aspecto relacionado a necessidade, a pulsão e por fim o objeto da libido, desenvolvido a partir do narcisismo. No entanto por fim, o objeto que realmente constitui o principal campo de estudo desse trabalho é o objeto amoroso, circunscrito no âmbito do desejo, que é por fim o objeto ao qual se refere a possibilidade de escolha.

Freud ao final dos *Três Ensaio*s aponta que com a chegada da puberdade observa-se a subordinação das outras fontes de excitação sexual ao primado das zonas

genitais juntamente com o processo de encontro do objeto. Mais uma vez retomamos a enfática posição de Freud nos *Três Ensaio*s, de que a sexualidade se desenvolve apoiada nas funções somáticas, nas necessidades primárias do indivíduo:

Ao mesmo tempo, consuma-se no lado psíquico o encontro do objeto para qual o caminho fora preparado desde a mais tenra infância. Na época em que a mais primitiva satisfação sexual estava ainda vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo próprio, no seio materno. Só mais tarde vem a perdê-lo, talvez justamente na época em que a criança consegue formar para si uma representação global sexual torna-se auto erótica, e só depois de superado o período de latência é que se restabelece a relação originária. Não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno toma-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro. (Freud, 1905, p. 225)

O objeto amoroso pode então ser descrito como uma lembrança da vivência de satisfação. O objeto que reaparece representado como significativo, “assinala o surgimento do desejo, definido como impulso psíquico em direção ao objeto” (Simanke, 1994, p.128). Diferentemente do que ocorria em relação ao objeto da pulsão, o impulso se direciona para um objeto específico de satisfação, no momento em que Freud declara ocorrer uma primazia das zonas genitais.

Na Conferência XX (1916) sobre a “*A vida sexual dos seres humanos*”, Freud diz que o sugar do seio materno é o ponto de partida para a vida sexual, retomando o que havia descrito sobre o chuchar da criança quando a necessidade de se alimentar cessa e o comportamento passa a ser repetido para a obtenção de prazer. Destaca ainda que esse sugar faz do seio materno o primeiro objeto do instinto sexual e reforça:

Não posso dar-lhes ideia da importante relação entre esse primeiro objeto e a escolha de todos os objetos subsequentes, dos profundos efeitos que ele tem em suas transformações e substituições até mesmo nas mais remotas regiões de nossa vida sexual. (FREUD, 1916, p. 319)

O objeto do amor é então construído ao longo do desenvolvimento sexual, pode dessa maneira ser uma pessoa ou uma abstração desta, ou ainda apenas uma parte do

corpo como o seio. Ele está implicado no campo da representação, diferentemente do objeto da necessidade e do objeto da pulsão e cria a necessidade de uma busca em direção a este último, uma vez que não basta apenas atender a fome (como exemplo de necessidade somática) ou ser qualquer objeto que estimule uma zona erógena (como no caso das pulsões parciais).

Assim, falar de uma escolha de objeto só é possível em relação ao objeto de amor, contruído no campo da representação através das identificações efetuadas no narcisismo primário, da ruptura desse mesmo narcisismo e assim do conjunto de operações psíquicas que formam o complexo de Édipo e complexo de castração que veremos em seguida.

1.2 O complexo de Édipo e o complexo de castração

A compreensão da formação do eu que envolve a escolha de objeto nos faz retomar pontos cruciais da metapsicologia freudiana, nos argumentos sobre a sexualidade apresentado nos Três Ensaio, Freud se vê diante de um dilema: como a criança abandona o polimorfismo e o autoerotismo sexual para caminhar na direção da escolha de um objeto? O complexo de Édipo, o complexo de castração e o narcisismo são teorizados diante da necessidade de responder como se forma esse eu e o que determina a sua escolha. O momento crucial da constituição do eu situa-se no campo da relação com o outro, a cultura e as determinações biológicas surgem permeando essa relação, e constituem a cena edípica.

A cena edípica possibilita uma estruturação do caráter polimorfo da infância, no processo edípico a criança se depara com diferenciação entre os sexos, a partir da qual efetua o seu próprio processo de sexuação e determina uma postura frente à angústia da castração. O Édipo aparece inicialmente nas cartas ao Fliess, em 1897, mas só na Interpretação dos Sonhos (1900) é apresentado o mito, principalmente na seção D do capítulo V (Sonhos sobre a Morte de Pessoas Queridas) onde Freud começa a trabalhar o porquê de alguns sonhos típicos, como o sonho de que os pais estão mortos. Para tal irá remeter a sua teorização sobre o Édipo, a autores e personagens clássicos da

literatura mundial, como o “Hamlet” de Shakespeare e a trama do parricídio dos “Irmãos Karamazov”, obras que reencenaram o mito de Édipo da tragédia de Sófocles.

A lenda de Sófocles conta que o Rei Laio tem um alerta do Oráculo de Delfus de que seu filho o mataria e se casaria com a própria mãe, logo para evitar tal tragédia assim que o seu filho nasce é ordena que o abandonem no monte Citerão e receba um prego em cada pé para que não possa engatinhar. No entanto, o servo ao invés de abandona-lo, por pena, entrega a criança a um pastor, a criança cresce e é adotada pelo rei de Coríntio, recebe o nome Édipo pelos seus pés machucados. Quando adulto Édipo descobre que é adotado, confuso procura o Oráculo de Delfus que lhe comunica a mesma profecia, para evitar matar seu pai e sua mãe foge de sua cidade. Mais tarde envolve-se em uma briga em que mata o Rei Laio, sem saber quem ele era, após encontra a Esfinge, resolve o seu enigma e recebe o direito de ser o rei de Tebas, casando-se com a sua mãe Jocasta. Édipo só descobre a sua tragédia muitos anos depois, o conto termina com Édipo furando os olhos e Jocasta se matando.

Freud considera que o mito do Édipo é tão aterrorizante porque faz parte da história da espécie e não apenas dos neuróticos, todos passam pela mesma provação de negar o impulso sexual direcionado ao primeiro objeto de amor, seja a mãe ou o pai.

O Rei Édipo, que assassinou Laio, seu pai, e se casou com Jocasta, sua mãe, simplesmente nos mostra a realização de nossos próprios desejos infantis. Contudo, mais afortunados que ele, entretanto conseguimos, na medida em que não nos tenhamos tornado psiconeuróticos, desprender nossos impulsos sexuais de nossas mães e esquecer nosso ciúme de nossos pais. Ali está alguém em quem esses desejos prímicos de nossa infância foram realizados, e dele recuamos com toda a força do recalçamento pelo qual esses desejos. (Freud, 1900, p.224)

O que acontece então no que é denominado posteriormente de Complexo de Édipo, é que a criança no estágio embrionário de seu desejo sexual desperta precocemente o desejo pelo genitor ou cuidador, aqueles que exercem o papel parental, Freud aponta que a menina desejará o pai, enquanto o menino desejará sua mãe. Logo o pai se transforma em rival para o menino e a mãe para a menina, outras pessoas que também venham a interferir nessa relação de amor também se tornam rivais, por isso

Freud demonstra o sonho comum de realização de desejo de morte de um dos pais ou de irmãos.

Essa visão mais simplista do complexo de Édipo foi sendo modificada por Freud com o amadurecimento de outros termos da metapsicologia freudiana, principalmente com o desenvolvimento do narcisismo e da segunda tópica, diante da necessidade de Freud explicar como o eu se forma, o complexo de Édipo toma mais importância assim como o complexo de castração.

Como bem aponta Simanke (1994), esta versão do Édipo do tipo “ama a mãe, odeia o pai” (e vice-versa) foi a que mais se consagrou no folclore psicanalítico. No entanto, ela é cheia de contradições com as quais Freud se deparou e buscou introduzir reparos de maneira a garantir a universalidade do fenômeno. Dentre as contradições, se destaca em primeiro lugar a ambivalência em relação ao objeto, “uma condição inerente a toda identificação – o modelo primordial dessa última é a incorporação oral que assimila e destrói - não podendo, portanto, ser creditada a uma prosaica realidade amorosa” (Simanke, p. 191, 1994). E também a dissimetria em relação ao objeto primordial de ambos os sexos ser a mãe, não justificando, portanto, que ocorra apenas a identificação feminina com a mãe no estágio mais precoce da incorporação oral.

Essa diferenciação entre o complexo de Édipo feminino e masculino é uma temática delicada na obra freudiana, primeiramente Freud simplesmente transpõe inversamente o processo que acontece com o menino para a menina, ou seja, enquanto o menino se apaixona pela sua mãe, a menina se apaixonaria pelo seu pai. Nas obras mais recentes, Freud compreende que o processo não é simples assim, que ambos partem da figura materna como primeiro objeto de amor e que, portanto, a posição da menina percorreria um caminho diferente; tenta colocar o feminino como sendo a postura passiva diante do complexo de Édipo e o masculino como a postura ativa, e assim tanto o menino como a menina entrariam no complexo de Édipo na postura passiva, feminina.

Já desde o *Eu e o Id (ano)*, Freud se depara com a necessidade de explicar a complexidade dos vínculos que formam o supereu, ao quais relaciona a triangulação edípica e a bissexualidade constitucional. A bissexualidade constitucional serve da mesma maneira como recurso para que Freud buscasse superar as dificuldades encontradas em relação a posição que a criança ocupa no Édipo. Simanke (pg.191,

1994) aponta ainda que o Édipo é importante para a clínica psicanalítica, já que traz as raízes históricas da origem de diversas formações patológicas, e a bissexualidade poderia ser reduzida a ela se considerarmos que é claro no Édipo que, nas identificações primordiais, são incorporados traços de ambos os genitores. No entanto, para Freud essa concepção implicaria em uma indesejável “desnaturalização” da sexualidade humana, ao manter uma bissexualidade constitucional parte para a descrição do complexo, com destaque para uma caracterização diferenciada entre masculino e feminino, não mais simétrica.

No *Três Ensaio* (1905), a disposição constitucional aparece na determinação das perversões sexuais, no entanto por serem inerentes a espécie não dão conta de explicar os aspectos individuais. O mesmo ocorre com a bissexualidade, Freud aponta que ela influencia na intensidade dos afetos, das disposições sexuais, mas os aspectos que realmente influenciarão na escolha objetal adulta dependem diretamente das identificações e investimentos edípicos.

Visamos agora compreender o complexo de Édipo como um fenômeno que possibilita a formação de um eu, que surge do processo da castração independentemente da maneira que este ocorre, a interdição da efetivação da fantasia edípica afasta a criança da simbiose em que vivia com o desejo dos pais e a coloca diante da formação do próprio desejo, tirando-a da posição auto erótica, o próprio corpo já não basta como objeto de amor.

O complexo de castração marca principalmente a diferenciação entre os sexos, assim ela não constitui apenas o medo da ablação dos genitais, ela coloca a criança em conflito com o narcisismo primário viabilizando a ação subjetiva que o permitirá buscar outros objetos que não a si mesmo. Surge nesse momento a questão da diferenciação entre os sexos, a criança compreende que algo que ela possui, o outro não possui, seja o pênis ou a ausência dele. Desta maneira, a fantasia da castração advém do medo de perder o pênis no caso do menino e o narcisismo da criança a impulsiona a se afastar de seu objeto de desejo e se identificar com seu rival.

No texto *A dissolução do complexo de Édipo* de 1924, Freud declara ainda que: “outra visão é a de que o complexo de Édipo deve ruir porque chegou a hora da sua desintegração, tal como os dentes de leite caem quando os permanentes começam a

crescer (...) A justiça dessas opiniões não pode ser discutida. Ademais, elas são compatíveis. Há lugar para a visão ontogenética, lado a lado com a filogenética, de consequências bem maiores” (p. 193/194).

Vemos, portanto que há ao mesmo tempo uma determinação posta pela cultura da proibição ao incesto, mas que esta não pode ser desconsiderada fora da filogênese da espécie, há uma necessidade natural do tabu do incesto assim como a necessidade de que os dentes de leite caiam para que os permanentes cresçam.

Se então, o complexo de Édipo tende a ruir e é difícil delimitar em cada caso o porquê isto ocorre, a fantasia da castração não pode apenas ser determinada a nível endógeno e hereditário, ela se pauta também em algum elemento da realidade material na qual se centraliza o núcleo do complexo de castração. Tanto que Freud afirma que o processo ocorre de maneira diferente na menina e no menino: “Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração” (Freud, 1925, p. 318).

Já na *Introdução ao narcisismo* (1914), Freud tentará explicar outro fato determinante nesse processo de escolha, o narcisismo é a caracterização da busca de uma retomada do primeiro objeto da libido, o próprio eu. As observações das diferenças sexuais, que constituem a base do complexo de castração irão quebrar pela primeira vez essa fantasia de que o eu basta como objeto de amor. Lembremos que o narcisismo primeiramente constitui um estágio entre o autoerotismo da infância e a escolha de objeto adulta. Depois ressurgiu como fator determinante para que a criança faça uma escolha diante do complexo de Édipo, para se proteger da castração poderá se identificar com o seu rival na chamada escolha do tipo de apoio ou se identificar com o seu objeto de amor, na escolha do tipo narcísica.

Os instintos sexuais apoiam de início na satisfação dos instintos do Eu, apenas mais tarde tornam-se independentes deles, mas esse apoio mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substituiu. Junto a esse tipo de fonte de escolha de objeto, que podemos chamar de tipo de apoio, a pesquisa analítica nos deu a conhecer um outro, que não esperávamos encontrar. (Freud, 1914, p.32)

Os dois tipos de escolha de objeto são notadamente marcadas pelo narcisismo. Como dissemos anteriormente o narcisismo faz do eu o primeiro objeto de amor o que de fato possibilita a constituição do eu enquanto instância e que permite em tão a escolha de objeto numa relação de identificação e constituição recíproca. O narcisismo estará sempre como um pano de fundo na escolha objetual, do que poderá ser chamado de uma relação amorosa, no sentido da construção de uma escolha de objeto distinta do eu e especificada pela história do sujeito uma vez que na escolha narcísica observa-se a tentativa imaginária de restaurar o narcisismo perdido ou de compensar o desamparo infantil, na escolha de apoio.

2. A questão da Sexualidade na Biologia

Apesar do caráter cultural normalmente relacionado ao estudo da sexualidade, e que muitas vezes é justificado através do próprio Freud, a sexualidade de humanos e outros animais é um ponto determinante para compreensão dos aspectos evolutivos para as ciências biológicas. Um dos fatores centrais na equação darwinista da seleção natural é a capacidade de certo indivíduo da espécie se reproduzir e por quais meios isso é alcançado, trazendo assim a sexualidade para um lugar central no próprio estudo da propagação da vida e sua transformação.

Esse estudo biológico e evolutivo da sexualidade não se aplica apenas a questão específica da reprodução, mas a todo processo que a envolve, como a corte, a viabilidade da relação sexual e inclusive, se estas relações sexuais tem algum papel socialmente relevante para a espécie. Para atingir a proposta do trabalho, partiremos da concepção dos estudos a respeito da sexualidade para compreender como se dá a questão da escolha de parceiros.

A compreensão do tema perpassa questões como passagem de genes, características sexuais primárias e secundárias, escolha de parceiros e variabilidade genética. Para tal, observa-se que de forma geral, os teóricos de estudos a respeito da sexualidade seguiram modelos científicos da vida social humana primitiva que viabilizaram e eram amostras plausíveis para inferências a partir da evidência material. Além disso, esses modelos também funcionaram como declarações de natureza humana. Tais modelos que inicialmente eram mais pautados na especulação, já apresentam atualmente, um esforço para avaliar de forma mais objetiva a validade de suas especulações.

Delimitar as questões relativas à sexualidade humana dentro das ciências biológicas exigiu um esforço de aproximação entre evolução cultural e genética. Wilson (1981) aponta que a evolução cultural se limita ao caminho que é aberto pela determinação genética, o desenvolvimento da sociedade se dá então por essas duas vias, a evolução biológica que é darwinista e usualmente mais lenta e a evolução cultural que é lamarkista e mais rápida. Uma exemplificação do raciocínio de Wilson é apresentada em relação ao tabu do incesto, ele aponta que o tabu do incesto ocorre virtualmente em

todas as culturas e que ele se dá ao mesmo tempo por um impedimento social e por uma determinação biológica. Assim, este impedimento ocorre não apenas nas relações consanguíneas, mas também nas relações de onde há um vínculo forte como a relação entre professor e aluno, ao mesmo tempo em que biologicamente são impelidas a buscar as relações geneticamente mais vantajosas.

Em 1975 ao apresentar a sociobiologia, Wilson (1975) sintetizou uma vasta literatura a respeito do comportamento animal sob um novo prisma de ideias sobre seleção natural seguindo publicações de George Williams, William Hamilton, John Maynard Smith e Robert Trivers (apud Pinker, 2002). A maior inovação foi que Wilson, após discutir questões relativas à sexualidade, altruísmo, cultura e organização, em insetos, pássaros e outros animais, apresentou dados que permitiam dar o mesmo tratamento de dados aos humanos e animais de outras espécies. Ao revisar a literatura da época, que versava sobre temas universais da cultura, tratando o ser humano como qualquer outro animal, Wilson apresentou uma proposta de natureza humana moldada pela seleção natural seguindo as concepções darwinistas.

Os estudos de Wilson e da sociobiologia sofreram diversos ataques e críticas por motivos políticos no final dos anos 70, Pinker (2002) aponta que embora muitas críticas possam ser feitas a ponto de invalidarem algumas extrapolações de Wilson, não se pode dizer que ele propagou um raciocínio racista, sexista ou mesmo nazista como fora acusado. Ainda assim, por muitos anos os termos sociobiologia ou psicologia evolucionista foram mal vistos em meios acadêmicos, principalmente na América do Norte.

Apesar disso, outros teóricos continuaram a adotar uma abordagem darwinista de estudos para investigação do comportamento social humano. Optamos então por tomar os estudos de Wilson como um guia inicial para compreensão do comportamento sexual humano na Biologia, e partindo dele, buscar outros estudos que nos permitissem ter acesso a grande variedade de comportamentos que podem ser considerados determinantes para escolhas de parceiros.

2.1 A sexualidade na sociobiologia de Wilson e outros comentadores

O biólogo Edward Wilson foi um defensor das ideias darwinistas e buscou levá-las ao extremo da compreensão de que todos os aspectos do ser humano evoluíram de acordo com a seleção natural, envolvendo desde as questões mais simples as mais complexas, como a cultura. Ele propõe em seus trabalhos uma ciência que estude a natureza humana, fazendo uma ponte entre as ciências consideradas humanas e as ciências biológicas, e se situe no limite entre a biologia, a antropologia, a sociologia e a psicologia, a qual denominou sociobiologia.

No livro *Da natureza Humana* (1978), trata das questões relativas ao tabu do incesto, da homossexualidade e do altruísmo. O autor procura nas discussões demonstrar como os comportamentos humanos são influenciados tanto pela genética como pelo ambiente, sem fazer diferenciações entre o comportamento humano com o de outros animais. Declara que:

Há características sociais que ocorrem em todas as culturas e que, examinadas mais detidamente mostram-se tão típicas da humanidade quanto as características de outras espécies animais – tão próprias da espécie humana, digamos, quanto o adorno das asas de uma borboleta da família *nymphalidae* ou a complicada melodia primaveril de um melro. (Wilson, 1978, p. 21)

Dessa maneira Wilson propõe ao longo de sua obra demonstrar que mesmo o produto considerado como mais típico da humanidade, e que possa ser considerado como extraordinário em relação às outras espécies, faz parte ainda do natural, do natural que é específico da nossa espécie. Ele apresenta um estudo de George P. Murdock (1945) que apresenta um levantamento de inúmeras características registradas nos diversos tipos de culturas conhecidas, tais como: cuidado pós-natal, escatologia, restrições sexuais, ritos funerários, tabus alimentares e tabus relativos ao incesto, esses dados fomentam a discussão de que essas características podem ser consideradas herança genética e não apenas um produto peculiar da cultura.

O fato de tais tabus estarem presentes em diversas culturas indicaria, de acordo com Wilson, uma pista de que fatores culturais também podem ser de certa forma

traçados geneticamente. O argumento principal ao longo desta obra é a demonstração, através de diversos dados empíricos, de que não há um comportamento humano que possa ser denominado social que não faça parte da sua natureza, ou ainda que não seja de certa maneira determinado por essa natureza. Assim, nas palavras de Wilson (1981, pág. 25), “as características básicas do comportamento social humano não são apenas teimosamente idiossincráticas: no limite da comparação possível com aquelas de animais, assemelham-se acima de tudo aos repertórios de outros mamíferos especialmente de outros primatas”.

Wilson declara ainda, que o sexo é básico para o estudo da biologia humana, uma vez que constitui um fenômeno multiforme que permeia as diversas fases da vida humana. A complexidade de tal tema se deve ao fato de o sexo não ter na reprodução, seu objetivo primordial, da mesma forma que a obtenção de prazer, não seria função exclusiva do sexo. Como já apontado, se a multiplicação fosse o principal objetivo da atividade sexual, a maior probabilidade seria a de que nossos antepassados tivessem se desenvolvido a partir de reprodução assexuada. Por outro lado, muitos outros animais se reproduzem com sucesso através de reprodução sexuada, sem necessariamente, obter prazer ou dispendir tempo no preparo da corte amorosa, o que coloca então a obtenção de prazer e os rituais de corte e escolha de parceiros sexual, como um diferencial.

Esse diferencial de obtenção de prazer, tem para Wilson, o objetivo principal de garantir a diversidade. A atividade sexual humana para uma sociedade primitiva seria considerada extremamente perigosa, tanto pelos riscos durante a gravidez, quanto pelo dispêndio de energia e possibilidade de ataques de outros predadores durante o ato em si, a corte e durante o desenvolvimento da prole. Destacando essa questão, Wilson aponta:

Assim, o sexo não confere nenhuma vantagem darwiniana direta. Além disso, a reprodução sexual impõe automaticamente um déficit genético. Se um organismo se multiplica sem sexo, toda a sua prole será idêntica a ele. Se, por outro lado, um organismo aceita a associação sexual com outro não-relacionado, metade dos genes de cada descendente será de origem estranha, e a cada geração o investimento em genes por descendente será reduzido à metade. (Wilson, p. 122, 1981).

A funcionalidade da reprodução sexuada também já foi discutida por diversos autores, apesar das vantagens da reprodução assexuada, a reprodução sexuada está predominante presente nos organismos superiores. De acordo com Jaffe (1998), há três hipóteses centrais que tentam explicar a principal vantagem da reprodução sexuada sobre a assexuada. A primeira seria a dos modelos ecológicos que apontam a reprodução sexuada como mais adaptável ao ambiente, com a vantagem de possibilitar a rápida difusão e seleção de traços mais adaptados ao ambiente.

Outro modelo seria o de acúmulo de mutações, que apontam a reprodução sexuada como uma maneira eficiente de remover os genes recessivos deletérios. A terceira hipótese seria a do modelo de seleção de parceiros, cuja ideia central é a de que a seleção de parceiros sexuais viabiliza a seleção de bons genes, guiando a evolução a processar a fixação dessas características. Ainda dentro dessa hipótese assume-se que os indivíduos hábeis a sobrevivência se reproduzem mais, de forma que os critérios de seleção de parceiros estaria relacionado à capacidade de sobrevivência.

No entanto, a reprodução sexuada não pode ser delimitada apenas em termos de suas possíveis vantagens genéticas, uma vez que uma das características mais contundentes do comportamento sexual humano é o vínculo sexual que transcende a atividade sexual. O vínculo sexual, que se desenvolve juntamente a obtenção de prazer, acaba por ser apenas remotamente ligado a reprodução. A poliginia e as diferenças sexuais de comportamento podem ser previstas pela dedução da teoria da evolução, visto que, procriamos lentamente e temos uma série de cuidados especiais com a prole, o que fez com que a mulher ficasse impossibilitada de algumas atividades enquanto o homem teria que garantir a provisão de mantimentos. Por outro lado, por poder reproduzir em intervalos menores do que as mulheres, seria mais interessante para o homem garantir mais parceiras.

Wilson ainda aponta que o amor sexual e a satisfação emocional familiar seriam um reflexo de uma cristalização genética dessa necessidade de compromisso entre os pares para garantir a sobrevivência da prole. Em suas palavras “a diversidade genética, função última do sexo, é secundada pelo prazer físico do ato sexual e supera em importância o processo de reprodução” (Wilson, 1981, pág. 138). Além disso, a intensidade e variedade do comportamento sexual humano diferem de outros primatas de forma que os rituais, fantasias, canções e poesias que refletem a intensidade com que

o ser humano aprecia a atividade sexual pouco tem a ver com o objetivo da reprodução em si, mas refletem diretamente na união que é necessária estabelecer para que a o investimento realizado para a produção da prole seja bem sucedido.

Low (2000) aponta que apesar da complexidade cultural, os seres humanos se deparam com os mesmos problemas ecológicos que os outros organismos para sobreviver e se reproduzir, tendo que, diante de qualquer ambiente, extrair recursos suficientes para a sobrevivência. Assim sendo, pode se aplicar a espécie humana as mesmas questões evolutivas que se aplicam a outras espécies, tais como: “evoluímos no sentido de melhorar nossa linhagem? Desenvolvemos estratégias para maximizar a transmissão de genes para a próxima geração?”.

Outro autor que traz contribuições interessantes em relação ao estudo da sexualidade humana é o biólogo evolucionista Jared Diamond (1999), em suas obras reforça que a sexualidade humana difere do comportamento das outras espécies animais, mas, mantém as mesmas funções evolutivas, entre elas garantir a descendência genética e a sobrevivência da espécie.

Assim como Diamond, Low releva a questão da complexidade da vida cultural humana, mas relembra que ela ainda tem de resolver os mesmos problemas ecológicos dos outros organismos para se reproduzir. Aponta que o fator central na vivência social da sexualidade é a necessidade de passar dos genes e enfrentar a competição de outros seres humanos neste processo. Low exemplifica:

Lembre-se da velha história sobre um fazendeiro, pensando em comprar um touro, que pergunta ao vendedor sobre a potência do touro? ‘Bem’, diz o vendedor, ‘ele vem de uma longa linhagem de ancestrais férteis’. O mesmo é verdade para cada um dos nós.” (Low, 2000, p.12).

Um dos complicadores para se observar as relações evolutivas presentes na sexualidade humana está associado à rapidez com que mudamos nosso ambiente, tornando-se difícil delimitar em que grau os comportamentos sexuais e rituais de acasalamento se estabeleceram, na medida em que os mesmos maximizaram as contribuições genéticas para as gerações futuras e auxiliaram a sobrevivência de parentes não descendentes diretos, como sobrinhos e irmãos.

Considerando essa dificuldade, Low (2000) aponta que as pesquisas com seres humanos não podem taxar um determinismo biológico, mesmo que o comportamento ocorra em diversas culturas ou em determinada idade. O comportamento é resultado da interação com ambiente, ou seja, é a expressão das relações entre os genes sob uma determinada pressão ambiental.

Essa ideia retoma a apontada por Wilson na formulação da sociobiologia, ou seja, a concepção de uma natureza humana só pode ser pensada considerando o cultural e o social como parte do que biológico e vice-versa, o imperativo genético se depara com as condições do ambiente, no mesmo sentido em que a cultura não pode ser considerada fora da biologia.

A respeito dessas questões, Diamond aponta:

A seleção natural não ocorre conscientemente em linha reta em busca de um único objetivo distante, como um engenheiro que projeta um novo produto. Em vez disso, uma característica que serve a uma função num animal começa a servir a outra função também, se modifica por causa disso e pode até perder a sua função original. A consequência são as frequentes reinvenções de adaptações semelhantes e as frequentes perdas, trocas ou inversões de função, conforme os seres vivos evoluem. (Diamond, 1993, p. 84).

Para Diamond (1991) a compreensão da sexualidade humana, histórico e evolução, pode ser feita através da retomada das estratégias de alimentação e convivência nas sociedades primitivas. Seguindo a dieta vegetariana de nossos ancestrais macacos, os nossos dentes e garras permaneceram similares aos dos macacos, ao invés de serem mais parecidos com os de tigres ou outro caçador mais hábil. Dessa forma, o sucesso na caça dependia cada vez mais de um desenvolvimento cerebral, para elaborar ferramentas e organizar grupos de tarefas. Nossos ancestrais precisavam caçar, e como um ser humano por si só teria muitas dificuldades para isso, o trabalho em conjunto para a caça propiciava o sucesso e fomentava a organização para o trabalho e para a divisão de alimentos.

O autor afirma ainda que a exigência de tais atividades de caça, desenvolvimento de estratégia e trabalhos grupais propiciou um desenvolvimento maior da massa

cerebral. Como resultado, as crianças humanas levavam anos para adquirir a informação e a prática necessária para executar com eficiência o trabalho de caçador-coletores. Durante esses muitos anos após o desmame, os nossos filhos não são capazes de prover sua própria alimentação

O modo como ocorre a ovulação é outro dos mecanismos da sexualidade humana, que sofreu alterações que não podemos delimitar claramente seus objetivos. A ovulação escondida mantém a fêmea disponível para o acasalamento, de maneira que a disponibilidade sexual pode ser utilizada como forma de garantir a proteção do macho por maiores períodos. Supõe-se que nos humanos, os sinais do período fértil foram se tornando cada vez mais sutis para propiciar um relacionamento monogâmico de longo prazo, o que seria um diferencial para a sobrevivência da fêmea após o parto e para o cuidado do bebê.

Em outros primatas, no entanto, as fêmeas têm a ovulação evidente e relações monogâmicas, os machos permanecem junto à fêmea e o filhote, mesmo depois do período fértil (como os gibões). Diamond (1999) aponta que isso não ocorre em humanos devido aos contextos ecológicos da população, os pares de gibões ou mesmo os outros pares que vivem em haréns, costumam viver longe da maioria dos outros pares da espécie, o que torna a possibilidade de relacionamento extraconjugal remoto. Já a espécie humana vive em grupos de casais que cooperam economicamente para manutenção e sobrevivência, devido ao alto risco de adultério, foi necessário desenvolver mecanismos mais sofisticados para garantir a monogamia, combinando: receptividade constante ao sexo, ovulação escondida e copaternidade com a tendência adúltera.

Para compreensão da relação entre a ovulação e o sistema de acasalamento em primatas, duas principais teorias são apontadas, a “papai em casa” e a “muitos pais”. A teoria “papai em casa” postula que a falta de pistas do período fértil da mulher ocasionou a necessidade de o parceiro permanecer junto a fêmea para garantir a cópula continua e protegê-la de outros parceiros e conseqüentemente a transmissão de seus genes para a prole. Ao permanecer junto com a fêmea o macho garante que transmissão de seus genes e a mulher ganha o cuidado e participação ativa do pai na criação dos filhos. Assim nessa perspectiva a ovulação oculta e constante receptividade evoluíram

para promover a monogamia, o cuidado paterno e confiança do pai em sua paternidade (Diamond, 1999).

A segunda teoria, “muitos pais”, tem ênfase em estudos antropológicos que demonstraram uma ocorrência alta de infanticídio em sociedades primitivas, dado que pode ser observado mesmo hoje em dia, em grupos de mamíferos próximos a humanos. O infanticídio seria praticado por machos que nunca copularam com aquela fêmea e possuem a certeza que o filho não é seu, ocorreria quando um macho toma a fêmea de outro grupo ou quando há disputas entre machos do mesmo grupo. Além de buscar a primazia de seus genes na prole, ao matar o bebê, o macho garante que a fêmea entre novamente no ciclo reprodutivo não tendo que esperar até o fim da amamentação para que isso ocorra. A fêmea que tem o período fértil visível fica mais suscetível ao infanticídio, pois se apenas um macho tiver relações com ela nesse período todos os outros machos do bando saberão que aquele não é seu descendente. Assim, a ovulação oculta e a receptividade constante seria um recurso para evitar o infanticídio, além de diminuir as disputas dentro do bando, já que uma única copula não seria a garantia de reprodução, todos se tornam mais suscetíveis a manter relações promíscuas.

Já Sillén-Tullberg & Moller (1993) apontam que a análise comparativa entre grupos indica que não há uma relação direta entre ovulação escondida e monogamia. Inicialmente em sistemas promíscuos ou sistemas de haréns, a ovulação oculta seria um fator auxiliar para garantir que todos os machos cuidassem da prole devido a não garantia de paternidade. Acredita-se que após a mulher desenvolver a ovulação oculta com essa finalidade, foi utilizada para atrair o melhor macho e garantir que o mesmo permanecesse com ela, desenvolvendo o sistema monogâmico.

Para Wilson (1981), diversas diferenças genéticas podem ser destacadas em relação ao comportamento do homem e da mulher. O autor aponta que, teoricamente, é mais lucrativo para as fêmeas serem mais recatadas e se absterem de atividades sexuais até reconhecerem entre os machos da prole qual tem mais probabilidade de permanecer junto aos descendentes para garantir o cuidado. Além disso, na maioria dos mamíferos, a fêmea é compreendida como um recurso escasso, de maneira que a maior agressividade do macho serviria para a disputa por esse recurso. Essas entre outras diferenças são apontadas por Wilson como consequências da interação do organismo com o ambiente e são sutis, de maneira que não deveria ser feito

uma atribuição de valor a elas na convivência social, pois por mais que homens possam ter vantagens em relação a certas atividades por determinadas aptidões físicas, as mulheres também apresentam outras vantagens em relação a outros tipos de atividades. No entanto, as diferenças são ampliadas pela cultura ao longo do desenvolvimento, de forma que diferenças levemente perceptíveis durante a infância se tornam amplas na idade adulta.

Wilson ainda destaca que o cérebro humano teria um potencial para a bissexualidade, semelhante ao que pode ser observado em outros animais. Comportamentos homossexuais podem ser observados até mesmo em insetos, mas apenas em primatas como o macaco rhesus, babuínos e chimpanzés, eles podem ser vistos como uma forma completa alternativa à heterossexualidade. No entanto, a homossexualidade plena, assim como a heterossexualidade plena seriam específicas da espécie humana. Ele destaca ainda que a homossexualidade seria uma expressão da sexualidade focada na união assim como a heterossexualidade, sendo coerente com a ideia de a expressão sexual ser um mecanismo de consolidação de relações.

Podemos então concluir que o comportamento sexual e reprodutivo de humanos e outros animais se apresenta como um dos fatores mais importantes para a observação tanto da vida comunitária de espécies, bem como para o estudo do processo evolutivo de certas populações. Nos humanos, especialmente, é difícil estabelecer um padrão evolutivo definido do comportamento sexual, ou uma função biológica específica devido à complexidade de sua vida social e cultural. Ainda assim, é evidente que muitas características são compartilhadas com diferentes grupos humanos, que foram expostos a ambientes diferentes e até mesmo com outros animais. Desta maneira, é viável estabelecer relações que possam levar a um entendimento mais profundo, sob a ótica biológica, deste evento tão complexo.

2.2 O tabu do incesto e os sistemas de escolhas de parceiros.

Diversos estudiosos da área da biologia e áreas afins (Diamond, Low, Westermack, Wilson, Cosmides, entre outros) tentaram demonstrar relações entre os padrões de acasalamento e o tabu do incesto, presente tanto na espécie humana, como em vários outros mamíferos. Esse tipo de investigação se estabelece desde o começo do século XX, no intuito de buscar fomentar com mais dados a infundável discussão entre natureza e cultura. Seria o incesto determinado pela natureza ou um advento das leis da cultura? Compreendemos que a questão não é adequadamente colocada nesses termos, mas para entendermos o percurso de estudos dentro dessa temática partiremos dessa questão inicial.

Um dos primeiros teóricos a postular a respeito do tabu do incesto foi Westermarck, em seu livro *A História do Casamento Humano* (1891), ele apontou que as pessoas que vivem em proximidade doméstica durante os primeiros anos de vida não se sentem atraídas entre si. Essa hipótese ficou conhecida como efeito Westermarck, discutida em diversos experimentos e análises mais recentes (Spain, 1987; Bevec and Silverman, 1999; Lieberman, Tooby and Cosmides, 2003; Lieberman, Fessler and Smith, 2011).

Murdock (1945 apud Bagley 1969) em contraponto as ideias de Westermarck, destaca que o tabu do incesto é universal em relação ao núcleo familiar primário, fora disso, ele apresenta variações, de forma que discorda do efeito Westermarck, apontando que em algumas sociedades é comum as crianças serem criadas juntas para se casarem. Murdock também discorda de que a convivência familiar barra o desejo sexual entre os membros familiares, e aponta ainda, que o tabu se relaciona com o papel social, um primo que exerce dentro do família o papel de irmão, por exemplo, será observado dentro das restrições do tabu de acordo com o seu papel de irmão.

Bagley (1969) ressalta que a visão de Westermarck é contrária a evidências clínicas que demonstram que o desejo sexual entre familiares só é contido devido a constante pressão e persistente pressão social. Usando ainda os estudos de Murdock e também de Parsons (apud Bagley 1969), Bagley aponta que a teoria freudiana sobre o incesto seria mais acurada, porém também estaria equivocada por considerar que ela se aplica apenas ao contexto familiar. Para Parsons, a família não pode ser considerada

como componente externo à sociedade e o tabu do incesto é imprescindível para garantir a socialização da criança em outros grupos fora do ambiente familiar, pois o mesmo seria uma via de garantia da manutenção da convivência social, econômica e política entre os grupos familiares.

Outra contribuição interessante em relação a origem do tabu é o estudo de Aberle et al. (1963), os autores apresentam uma discussão a respeito do tabu do incesto em que buscam demonstrar em quais parâmetros podemos estudar o fenômeno, considerando as vantagens adaptativas que podem ser relacionadas a ele. Nesse sentido, inicialmente apontam:

Além disso, a maioria das teorias sobre o tabu do incesto fornecem uma demonstração que é, de uma maneira ou outra, adaptativa, e, portanto, normalmente confunde a questão da origem e a questão da persistência. Não é logicamente possível afirmar que um fenômeno surgiu porque ele é adaptativo: que os homens desenvolveram narizes porque eles sustentam óculos. Pode-se dizer apenas que se algo veio a existir e tem um poder adaptativo superior, provavelmente será perpetuado ou se espalhará. A questão da causa de sua origem, no entanto, se mantém sem solução.

(Aberle, D. F., Bronfenbrenner, U., Hess, E. H., Miller, D. R., Schneider, D. M., & Spuhler, J. N., 1963, p.255) ¹*tradução livre*

Esse apontamento é de extrema importância, embora a abordagem evolucionista permita-nos compreender como o tabu do incesto se estabeleceu, e quais fatores contribuíram para que ele se perpetuasse, jamais poderá explicar a sua origem com uma equação replicável. A argumentação é simples, o tabu do incesto aparece em diversas sociedades e em cada uma com peculiaridades específicas da região em que se estabeleceu. Há comunidades em que o tabu se refere à relação direta entre parentes de primeiro grau, mas não de segundo, outras com a mesma regra, mas com possibilidades de exceções para os líderes ou reis. O espectro de variações é grande, de maneira que a replicação das causas entre as diversas comunidades em que o tabu se apresenta é impossível.

¹ Original:

Furthermore, most of the theories about the incest taboo provide a demonstration that in one or another sense it is adaptive, and thereby often confuse the question of origin and the question of persistence. It is not logically admissible to assert that a phenomenon has come to exist because it is adaptive: that men grew noses because they support spectacles. It can be said only that if something comes into existence which has superior adaptive potential, it is likely to be perpetuated or to spread. The question of the cause of its origin, however, remains unsolved.

O tabu do incesto é um fator que viabilizou uma melhor adaptação dos grupos, tanto em humanos como em primatas, de maneira que as comunidades que mantiveram esse tabu foram mais hábeis em sobreviver e tiveram mais oportunidades de procriar do que as que não mantiveram. Aberle et al (1963) supõe então que o tabu do incesto incidiu sobre questões que afetavam o convívio em grupos, sendo um elemento diferencial para a sobrevivência do indivíduo no ambiente. A relação entre maturação sexual e preservação da família pode ser apontada como base no estabelecimento desse tabu, sem ele, a relação de competição entre os membros da mesma família aumentaria e a prole ficaria enfraquecida. Isso ocorreria devido ao cruzamento entre os parentes de primeiro grau e também a perda de indivíduos jovens, já que a maturação sexual ocorre antes do indivíduo ser completamente capaz de sobreviver sozinho, sem ajuda do grupo familiar. Assim, os autores concluem:

Por fim, o tabu familiar poderia ser expandido, por uma simples etapa evolucionária, para um grupo mais amplo de parentes, com grandes vantagens seletivas. Até hoje, algumas combinações das diversas vantagens imputadas para os tabus do incesto nucleares e mais estendidos resultaram na sua perpetuação, mesmo em sociedades pós-industriais organizadas em estados. O tabu, de uma maneira ou outra, provavelmente vai sobreviver enquanto a família for uma parte significativa da ordem social. (Aberle, D. F., Bronfenbrenner, U., Hess, E. H., Miller, D. R., Schneider, D. M., & Spuhler, J. N , 1963, pág.263)² *tradução livre*

Em resumo, o tabu do incesto aparece como um fator importante no desenvolvimento da sociedade humana, permitindo que alguns grupos de humanos se sobressaíssem sobre outros que pereciam devido a cruzamento entre familiares.

Ainda existe muita dificuldade em determinar as bases biológicas deste tabu devido a sua forte variação cultural, mas é possível definir diversos indícios de uma regulação da atração por um parceiro que mantenha suas características genéticas, mas

² Original:

Finally, the familial taboo could be extended, by a simple evolutionary step, to a wider group of kinsmen, with great selective advantages. To date, some combination of the various advantages imputed to the nuclear and more extended incest taboos has resulted in their perpetuation, even in post-industrial societies organized as states. The taboo in some form or other is likely to survive so long as the family remains a significant part of the social order.

que não sejam tão próximos na linhagem a ponto de causar danos a sobrevivência da prole. Ainda assim, independentemente de suas complexidades na relação genética e cultural, é inegável a importância deste evento no desenvolvimento evolutivo de algumas espécies, inclusive a humana.

Embora a compreensão da natureza do tabu do incesto seja uma questão não esclarecida, muitos estudos buscam estabelecer se o tabu do incesto está ligado e pode se relacionar com os critérios e padrões de escolha de parceiros.

Bevc and Silverman (1999) realizaram um estudo cujo objetivo era investigar se o efeito de Westermack poderia ser comprovado entre primos. O estudo foi feito com 170 sujeitos que foram entrevistados por telefone ou e-mail, a partir dos dados coletados os sujeitos foram divididos em três grupos: 1- sujeitos que declararam ter se relacionado sexualmente com primos com fins de procriação após infância com tentativa de relação genital ou com relação genital; 2- sujeitos que declararam ter se relacionado sexualmente sem fins de procriação com primos após a infância; 3- sujeitos que não tiveram nenhum tipo de relação sexual com primos após a infância.

A partir da delimitação dos grupos, os autores tentaram delimitar através do questionário se haveria relações entre a convivência e a ocorrência de relações sexuais. Os resultados apresentados demonstraram que uma separação prolongada na infância foi associada com atividades sexuais com fins de procriação pós-infância (grupo 1), mas não com outras atividades sexuais sem fins de procriação (grupo 2). Ao contrário do previsto, o grupo 1 e 2, afirmaram uma quantidade significativa maior de nudez e contato físico com os primos durante a infância do que sujeitos que afirmaram não ter tido contato sexual. Os dados demonstraram que a separação precoce não era mais frequente no grupo 2 do que no grupo 3, no entanto, era muito mais frequente no grupo 1. Uma das conclusões relevantes seria a de que a convivência entre membros familiares poderia ser um dos fatores que preveniriam a endogamia, conforme apontado por Westermarck, mas não diminuiriam a atração e o interesse sexual entre os primos.

Buscando contribuir para a compreensão do efeito Westermarck, um estudo de 2003, foi realizado um questionário que continha questões a respeito do incesto, relacionando a opinião moral do entrevistado sobre o ato incestuoso, se já haviam tido relações incestuosas ou não e havia convivência residencial entre parentes de 3º grau. O questionário foi aplicado em mais de 180 pessoas, os resultados indicaram que quando

há convivência residencial conjunta entre os parentes de 3º grau na infância, o sentimento moral contrário ao incesto é reforçado. Assim, os autores indicam que um sistema neural de reconhecimento de parentes consanguíneos se relaciona com a residência conjunta ou outro fator ligado a residência, esse sistema utilizaria a convivência como dica de quão próximo geneticamente seria o parente em questão. Os autores postulam que esse sistema seria uma arquitetura neural humana que inclui um aparelho especializado no reconhecimento de parentes consanguíneos, o que teria evoluído entre nossos ancestrais. Essa arquitetura neural atenderia ao menos duas funções: regular a alocação de esforços altruístas e competitivos de acordo com as pressões de seleção da teoria da aptidão inclusiva; e inibir a relação sexual entre parentes genéticos próximos, já que os filhos produzidos desse tipo de união seriam menos saudáveis. Esses problemas de saúde surgem porque tais crianças expressariam taxas mais altas de genes recessivos deletérios (Lieberman, Tooby & Cosmides, 2003).

Para os mesmos, esses resultados não podem ser relacionados a hipótese freudiana que implica a dinâmica entre pais-filhos e não a residência conjunta entre parentes, como uma variável chave para o desenvolvimento de sentimento incestuosos e sua repressão e projeção em formas culturais.

No mesmo sentido, mas em direção oposta em relação à interpretação dos resultados, Jaffe e Avarez (2004) propõem que a formação de pares e o acasalamento não seriam aleatórios. De acordo, com simulações feitas em computador supõem que o sexo entre organismos geneticamente complexos requerem estratégias de escolhas de parceiros para a manutenção evolutiva, para reduzir a variação genética excessiva por cruzamentos exogâmicos. Ao avaliar quais estratégias seriam mais eficientes para alcançar esse objetivo, os dados computacionais indicaram acasalamento associativo, feita com o modelo de “self seeking like”. Outra estratégia seria a de seleção de “bons genes. A estratégia de acasalamento associativa aumentaria a probabilidade de encontrar um parceiro geneticamente similar, sem fomentar o cruzamento consanguíneo, e atingi-lo sem atrapalhar o funcionamento de outras estratégias de seleção de parceiros que buscam maximizar a procura de “bons genes”, otimizaria o funcionamento do sexo em termos evolutivos.

Visando testar os dados apresentados em estudos anteriores a partir da simulação em computador, foram selecionados as fotos de 36 casais com união estável a mais de 3 anos, sem parentesco, e organizadas randomicamente em um grupo de fotos dos homens

e outro das mulheres. Diante das fotos foi solicitado a mais de 100 voluntários que apontassem quais entre os homens e as mulheres tinham mais chances de serem primos, quais tinham a maior chance de serem casais e também foi solicitado que os sujeitos juntassem as fotos que mais se pareciam e mais tinham chance de serem casados. As fotos eram apresentadas em grupo de 6 casais, 12 fotos em preto e branco, e foram apresentadas com o mesmo fundo, com fundos diferentes e sem fundo. Ainda para controlar a variável do fundo da imagem também foram apresentadas apenas partes, como olhos, boca e nariz.

Ainda com o mesmo grupo de fotos foi feito uma análise em relação ao grau de atração pelo sexo oposto, todas as fotos dos sujeitos do mesmo sexo foram apresentadas ao sexo oposto e foi solicitado aos voluntários que classificam de 1 a 4 o grau de atração do sujeito da foto.

Os resultados, de forma geral, demonstraram uma forte relação entre o grau de atração entre os casais e também um alto índice de semelhança fácil apontada pelos voluntários. Assim, os pesquisadores apontaram evidências indiretas de que em uma porção significativa de casais humanos reprodutivos, os parceiros demonstram uma semelhança facial muito maior do que poderia ser esperado por uma formação de pares aleatória. Apontam ainda que esse indício seria mais forte do que uma escolha de parceiros por atração ou como resultado de uma competição pelo parceiro mais atraente disponível.

O estudo apresentou dados compatíveis com as hipóteses derivadas pelas simulações por computador, de que as estratégias por seleção de parceiros são guiadas pelo princípio do “self seeking like” (incluindo a escolha de parceiros por atração) e busca dos melhores genes disponíveis. No entanto, destacam que esses indícios seriam limitados pelos mecanismos já conhecidos de restrição a cruzamentos entre parentes consanguíneos. Os autores ressaltam que os resultados permitem comprovar a suposição de que humanos desenvolvem um senso de beleza através de mecanismos do tipo “imprinting”. Nas palavras dos autores:

Este sentido de beleza deve ter uma um componente narcísico forte, já que é formado através das imagens dos pais, como foi discutido na introdução. Quando esse sentido de beleza é aplicado na escolha de um parceiro, o resultado é o *assortative mating* em uma escala multidimensional, já que nenhuma escala

de beleza pode ser formada através desse mecanismo. Nossos resultados não podem descartar que o *assortative mating* em humanos é, ao menos parcialmente, alcançado por competição pelo parceiro em potencial mais atraente, ou por atratividade comparada. Ainda assim, nossos resultados sugerem fortemente que uma multidão de outros critérios visuais estão envolvidos na escolha de parceiros. A hipótese de ‘*self-seeking like*’ explica os resultados experimentais muito bem. (Jaffe & Alvarez, 2004)³*tradução livre*

A conclusão do estudo defende que esse critério narcísico poderia ser aplicado a escolha de parceiros reprodutivos e muito possivelmente a outros tipos de escolha de parceiros, como para relações financeiras por exemplo. Ainda destacam que poderia ser observada em outros padrões de escolha do cotidiano como escolha de animais de estimação. Tal suposição foi testada por Payne & Jaffe (2005), em estudo semelhante onde apresentaram fotos de seres humanos e cachorros de estimação, e o resultado indicou forte indício de não aleatoriedade entre as características, reforçando a hipótese do critério narcísico de escolha.

Como apontado, o critério narcísico de escolha foi inicialmente suposto a partir de dados simulação de sistemas de escolhas de parceiros em computador. Um dos estudos que basearam esses achados foi o de Jaffe (1998), neste estudo foram realizadas simulações computacionais para avaliar as pressões evolutivas nos fatores de escolha de parceiros em duas populações, uma simples (variação de 7 genes) e uma complexa (variação de 16 genes). Os resultados demonstraram que o acasalamento associativo promove maior estabilidade evolutiva do que o acasalamento randômico, indicando que seria uma estratégia adequada para evitar que fêmeas aptas a se reproduzirem diluam seus caracteres vantajosos com machos pouco aptos e por consequência promovam uma diminuição de caracteres pouco vantajosos em termos evolutivos. Este estudo conclui

³ Original:

This sense of beauty must have a strong narcissistic component, as it is formed through the images of the parents, as discussed in the introduction. When this sense of beauty is applied to mate selection, the outcome is assortative mating in a multidimensional scale, as no universal scale of beauty can be formed through this mechanism. Our results can not discard that assortative mating in humans is at least partially achieved through competition for the most attractive potential partner, or by matching attractiveness. Yet, our results strongly suggest that a multitude of other visual criteria are involved in mate selection. The hypothesis of ‘self-seeking like’ explains the experimental results rather well.

que há sim critérios de escolha para o acasalamento sexual que promovem a seleção sexual e viabilizam maiores condições de sobrevivência da espécie, indicam ainda que o acasalamento associativo seria uma das estratégias com grandes probabilidades de sucesso.

Essas vantagens do acasalamento associativo (assortative mating) foram apresentadas inicialmente por Thiessen & Gregg (1980), os autores apontam que os indivíduos otimizam a sua transmissão de genes cruzando com outros que compartilham de genes em comum. O acasalamento associativo positivo seria efetivado através das relações de endogamia enquanto o negativo estaria relacionado a exogamia. Em um acasalamento associativo positivo o fluxo de comportamentos altruístas, a facilidade na transferência de informações e os benefícios genéticos são maiores, uma vez que a progênie estaria relacionada a cada um dos progenitores acima do valor mítico de 50% dos genes. No entanto, os autores apontam que se houver alto grau de consanguinidade no acasalamento associativo positivo, ele pode se tornar uma estratégia pouco adaptativa já que diminuiria a variedade genética. Da mesma maneira, um alto grau de heterogamia seria desvantajoso pois não contribuiria para uma otimização das características positivas.

Outro estudo que se destaca a respeito é o de Fraley and Marks (2010) retomam essas discussões sobre a possibilidade da existência de um mecanismo inconsciente que ativa uma aversão sexual diante de um parentesco genético. Os autores supõem que o sentimento de aversão ao incesto surge, na verdade, de mecanismos conscientes e que por consequência, se a relação de parentesco genético for desconhecida o sujeito possivelmente manifestará atração sexual. Para avaliar tal hipótese, elaboraram dois experimentos nos quais as pessoas avaliadas desconhecem qualquer grau de proximidade genética diante das fotos apresentadas e um terceiro em que as pessoas estão conscientes da relação genética implícita.

O primeiro experimento foi elaborado com o intuito de avaliar se há uma “tendência implícita” das pessoas sentirem atração sexual por familiares sem ter a consciência do grau de parentesco. Foi solicitado aos participantes que levassem fotos de rosto dos pais, a foto do progenitor do sexo oposto aparecia de forma subliminar antes da foto de desconhecidos e era solicitado a pessoa que desse um valor numa escala de atratividade física em relação a foto que estava visualizando. O grupo controle

visualizava as mesmas sequencias de fotos, não foi revelado ao grupo experimental que as fotos dos familiares estava presente neste conjunto.

No segundo experimento, para avaliar o grau de atração do sujeito em relação ao próprio pool genético, num esquema similar ao do primeiro, uma foto do rosto dos entrevistados foi mesclada com fotos de desconhecidos, criando composições faciais com a presença da própria face do entrevistado em variações de 0% a 45%. Estas fotos foram apresentadas aos participantes intercaladas com outras fotos de desconhecidos e novamente foi solicitado que eles apontassem o grau de atração sexual relativo ao rosto que estavam observando na foto.

Já no terceiro experimento, foi similar ao segundo, porém foi comunicado aos entrevistados que a pesquisa era sobre o incesto e que as fotos apresentadas estavam mescladas com a sua própria foto e qual era o grau de mesclagem, no entanto, as fotos não eram mesclagens, eram apenas fotos comuns de desconhecidos. Desta forma os pesquisadores esperavam comparar como a questão cultural do incesto poderia afetar o julgamento a respeito da atratividade com o que é semelhante, mesmo quando não há de fato esta semelhança.

Os resultados evidenciaram dados interessantes, no primeiro experimento, os participantes consideraram que os rostos exibidos nas fotos eram mais atrativos sexualmente quando tiveram a intercalação subliminar com a foto do progenitor. Os participantes do grupo controle demonstraram menor grau de atração diante das mesmas fotos. De forma similar, os resultados do segundo experimento demonstraram que os sujeitos consideravam mais atraentes as fotos com maior mescla com a sua própria foto, atingindo um pico com a composição de 32% e se mantendo estável. Curiosamente, no terceiro experimento os participantes consideraram as fotos que foram informados terem maior índice de mesclagem com a sua própria foto eram menos atrativas sexualmente, o grupo controle não apresentou os mesmos índices baixos em relação a essas imagens. Tal fato indicaria que a consciência de semelhança e parentesco pode influenciar a compreensão da atração e do desejo sexual.

A conclusão dos autores é a de que os resultados contrariam os postulados de Westermarck e de estudos neo-westermarckinianos, como o Lieberman, Tooby & Cosmides (2003). Eles supõem que o estudo permite concluir que há um fator de imprinting sexual relativo às experiências de convivência com familiares. Este fator

contribuiria para um grau de atração mais forte em relação aos familiares quando não há a consciência de que a relação possa ser incestuosa. Como apontam os autores:

(...) se as pessoas são atraídas para estímulos familiares, uma consequência lógica é que as pessoas serão atraídas por indivíduos que eram parte de seu ambiente de cuidados infantis (ou seja, ordem familiares mais altas). Este efeito, unido às proibições sociais contra endogamia (veja abaixo), pode ser suficiente para produzir uma variedade de complexos, conflitos e comprometimentos interessante que psicodinâmicos em seus efeitos, se não em suas origens. (Fralely & Marks, 2010, p. 1204)⁴*tradução livre*

A consciência do grau de parentesco seria um inibidor desse desejo ou atração sexual. Assim, supõem que haveria um mecanismo natural de atração ao semelhante e não de repulsa, esses dados seriam conciliáveis com os supostos freudianos, mas poderiam ser explicados por dois fatores principais: facilitação e valorização dos laços familiares o que seria adequado para a manutenção do pool genético e a aproximação com estímulos familiares seguindo outros estudos que demonstram a importância da familiarização de estímulos na infância para os processos de decisão da vida adulta.

A questão maior a ser discutida em relação ao resultado desse estudo é se o achado leva a comprovação de que existiria uma tendência a endogamia ou apenas uma maior atração diante de estímulos familiares, que seria plausível não apenas para estímulos sexuais. Para Lieberman, Fessler & Smith (2011) os achados de Fraley & Marks (2010) seriam perfeitamente compatíveis com a teoria de Westermarck, já que ela propõe que o fator diferencial para a evitação do incesto seria a convivência e que ao apresentar fotos dos progenitores sem a informação do parentesco, teriam criado um meio termo para identificação de semelhança genética.

Os autores de ambos estudos, 2011 e 2010, proclamam se basear em Bateson (1983) que aponta existir um meio termo de grau de parentesco que seria um grau ótimo de endogamia para a melhor promoção da exogamia. Bateson sugere um modelo que

⁴ *Original:*

(...) if people are attracted to familiar stimuli, a logical consequence is that people will be attracted to individuals who were a part of their early caregiving environments (i.e., highly familiar others). This effect, coupled with the social prohibitions against inbreeding (see the following), may be sufficient to produce a variety of interesting complexes, conflicts, and compromises that are psychodynamic in their effects, if not in their origins

concilia tanto a ideia de atração quanto de repulsa em relação a endogamia, para ele a convivência familiar seria geradora de padrões de atração para o acasalamento mas com um limite. Esses estímulos geradores do imprinting sexual na infância sofreriam uma habituação com o excesso de convivência e assim seriam menos atraentes ao sujeito, mas não deixariam de compor o padrão para a escolha de parceiros. Por outro lado, os estímulos completamente novos não seriam atraentes por serem identificados na imagem pré-formada do que é atraente e mais promissor geneticamente. Esse afastamento do estímulo completamente novo e atração diante de um que seja familiar mas não completamente desensibilizado pela convivência, não seria uma tendência endogâmica e sim uma otimização a exogamia, coerente com dados de estudos realizados com outros animais.

3. Discussão

A proposta central deste trabalho foi pesquisar as relações que podem ser feitas entre a teoria freudiana, a biologia e a sociobiologia, a respeito dos temas da escolha de objeto, considerando que tal análise envolverá pressupostos centrais da psicanálise e da biologia para o estudo do comportamento humano.

A compreensão científica de um fenômeno jamais poderá ser feita utilizando-se apenas de um viés de estudo. Com o desenvolvimento da ciência e de tecnologias que possibilitam diferentes análises de um fenômeno, cada vez mais se valoriza o estudo multidisciplinar e as relações que possam ser estabelecidas para enriquecimento do conhecimento humano. Numa análise de convergências e divergências, observa-se que a proposta não é de que uma teoria suplante a outra, mas sim buscar em que pontos essas teorias podem corroborar dados para o desenvolvimento mútuo.

Nesse sentido, pode-se observar que em relação à compreensão do que seria a sexualidade humana, a concepção freudiana se aproxima com a dos autores citados. Inicialmente na ideia de que a sexualidade humana não é um fenômeno direcionado somente à reprodução, de fato, os autores (Diamod, 1991, 1999; Aberle, Bronfenbrenner, Scheneider & Spuhler, 1963; Jaffe, 1998; Lieberman, Fessler & Smith, 2011; Low, 2011; Spain, 1987) apontam que a reprodução quase que passa a ser um dado secundário dos fenômenos que envolvem a corte e a união sexual.

Em relação à escolha de parceiros, *mating systems*, pode-se observar uma predominância de estudos que buscam relacionar como formam-se os padrões que determinam quais são as melhores escolhas relativas ao caráter adaptativo da espécie e desta forma, recaem nas questões relativas a endogamia versus exogamia. Neste âmbito, nota-se que nas áreas da biologia evolutiva, sociobiologia, psicologia evolutiva e áreas relacionadas, há uma grande inserção do conceito freudiano de sexualidade e do tabu do incesto que é usualmente relacionado com os estudos e postulados de Westermarck.

Apresentamos a seguir, os pontos que consideramos relevantes dentro de um estudo que se propõe a tratar de aspectos de convergências sem a pretensão de chegar a dados conclusivos ou limitantes a respeito da profícua relação entre psicanálise e as ciências biológicas.

3.1 A questão da sexualidade

Para Freud, a sexualidade está direcionada para a obtenção de prazer, durante os *Três Ensaios* (1905) demonstramos o longo caminho que ele percorre para demonstrar como a sexualidade estaria relacionada à aspectos gerais da vida humana, não podendo ter um conceito restrito como o que era empregado até então, limitar a sexualidade ao ato reprodutivo era uma conceituação extremamente restritiva que inviabilizava a compreensão do fenômeno.

Já Wilson (1981) aponta que o prazer sexual é sim uma das características mais marcantes da sexualidade humana, de fato, consideram que esse prazer, do qual a espécie humana se tornou apreciadora, foi imprescindível para a criação e manutenção de laços entre os grupos da espécie. Diamond (1999) aponta ainda que a sexualidade foi um dos motores principais no caminho evolutivo de características específicas da espécie humana.

Ambos apontam que muito provavelmente sem o prazer sexual e a união afetiva entre parceiros, a sobrevivência da espécie teria sido afetada. Assim sendo, compreende-se que as características envolvidas na corte e união foram diferenciadas para a sobrevivência, de maneira tal, que hoje observa-se que a sexualidade é uma característica hipertrófica do ser humano, afetando as características comportamentais e físicas da espécie.

A análise de Wilson (1981), assim como a de Diamond (1999) e de Low (2003) sobre a questão da sexualidade humana como objeto de estudo é vista como controversa para muitos antropólogos. Como apontamos, os estudos de Wilson sofreram ferrenhos ataques políticos na década de 70, ao apontar dados da singularidade humana como meros produtos da seleção natural, Wilson foi acusado de promover um determinismo biológico⁵.

⁵ As questões a respeito das polêmicas que se seguiram após a publicação *Da natureza humana* (1981) de Wilson são discutidas por Steve Pinker (2002), no capítulo *Political Scientists*, em que sintetiza este e outros equívocos científicos que ocorreram dentro de um panorama político desfavorável.

Ainda hoje há divergências a respeito dessa questão, mas o que concerne a este trabalho é que Wilson em seu trabalho de 1981 reuniu importantes dados a respeito dos estudos sociológicos, antropológicos e biológicos da época e sob uma ótica darwinista propôs uma maneira de analisar os dados.

Para Freud, apresentar a sexualidade como não sendo definida pela reprodução foi uma quebra com o paradigma médico embrenhado de conceitos moralistas sobre controle social. Essa quebra também foi mal interpretada, por um lado foi criticado pelo caráter libertário e por outro, muitos consideraram que estaria rompendo com o naturalismo.

Pode-se apontar que tanto para Freud como para Wilson as questões concernentes à sexualidade humana constituíram pontos fundamentais para a consolidação do quadro teórico que propuseram. Tais ideias foram embrionárias para análises que permitiram a ambos desenvolver suas teorias.

Este movimento de Freud pode em muito ter contribuído para os demais estudos sobre essa temática e a abordagem naturalista freudiana é claramente convergente, embora possua limites e fronteiras, com a dos estudos de Wilson e Diamond, entre outros autores apresentados.

Ao buscar fundamentar o raciocínio da sociobiologia a respeito da sexualidade humana, Wilson não pondera em demonstrar que a sexualidade é parte intrínseca da convivência social e que portanto, teria sido modelada de acordo com as pressões evolutivas genéticas e culturais. O mesmo raciocínio está presente de certa maneira na obra freudiana, em diversos pontos em que retoma a questão da sexualidade ou do desenvolvimento infantil, Freud apresenta essa questão da pressão natural ou cultural.

Esse raciocínio é empregado em relação a apresentação do complexo de Édipo, Freud após descrever diversos contextos nos quais poderiam ocorrer a dissolução do complexo declara que “outra visão é de que o complexo de Édipo deve ruir porque chegou a hora de sua desintegração, tal como os dentes de leite caem” (1924, p. 193), ou seja, existe um fator social que pode promover a dissolução do complexo mas também há uma pressão biológica maturacional para que isso aconteça. Freud descreve nos *Três Ensaios* (1905) como a educação pode atuar na promoção da dissolução do complexo, trazendo a importante questão do medo da castração, mas ao mesmo tempo pondera que

justamente os ambientes educacionais podem aproveitar este momento em que a criança se destituiu do excesso de carga sexual até então presente.

Esse contraponto entre natural e social é constante na obra de Freud e de Wilson, o que nos coloca diante da conclusão que os autores seguem a lógica de que não existe compreensão de um social fora do natural, a natureza humana inclui a concepção de um social que atua junto a ela, compondo parte das pressões que coordenam o desenvolvimento do ser humano individual e da espécie.

Esse naturalismo presente na obra freudiana foi e ainda é questionado por muitos autores, principalmente entre os seguidores da escola francesa de psicanálise (Ritvo, 1992). Sem o intuito de apresentar aqui esses argumentos e sanar essa discussão, concerne destacar que o próprio Freud reivindicava para a psicanálise uma aproximação com as ciências biológicas. Como podemos ver nas palavras de Freud (1920, p.210): “a evolução humana, até agora, não parece necessitar de explicação diferente daquela dos animais”.

Podemos concluir, como o resultado inicial dessa análise que em relação ao conceito de sexualidade a proposta freudiana converge com as de autores das ciências biológicas, destacando-se principalmente Wilson e Diamond. Embora, estejamos usando apenas dois autores principais das ciências biológicas, vale destacar que ambos apresentam um trabalho de divulgação e síntese de diversos estudos, o que os torna representantes de um grande segmento de pesquisas dentro desta ciência.

Em relação aos desdobramentos da sexualidade na vida humana, vemos que Wilson (1981) a aponta como determinante para a construção da convivência social. Diamond (1999) ainda destaca uma relação entre o processo de caça e alimentação e o laço afetivo entre os pares, advindos da relação sexual. Os caracteres sexuais humanos são bem mais destacados visualmente do que os de outros primatas próximos, no entanto, o cio não está presente.

Os seres humanos são *connoisseurs* do prazer sexual. Deleitam-se com a inspeção casual dos parceiros em potencial, com fantasias, com a poesia e com a canção, e com todas as nuances deliciosas do flerte que conduzem às carícias amorosas e ao coito. Tudo isso tem pouco ou nada a ver com a reprodução; mas tem muito a ver com a união. Se a inseminação fosse a única função

biológica do sexo, poderia ser realizada muito mais economicamente em alguns segundos de cobertura e penetração. Com efeito, os mamíferos menos sociais acasalam-se com uma cerimônia muito pouco mais elaborada do que isso. As espécies que desenvolveram vínculos duradouros também são, de modo geral, aquelas que dependem de elaborados rituais de corte. É coerente com essa tendência o fato de a maioria dos prazeres sexuais da espécie humana constituir reforçadores primários que facilitam a união. O amor e o sexo sem dúvida caminham juntos. (Wilson, 1978, p. 141)

Wilson destaca que o prazer sexual atende a necessidade da união entre os pares para garantia da sobrevivência da prole. Diamond por sua vez aponta que por sermos vulneráveis fisicamente para nos defendermos dos predadores próximos e para conseguirmos alimento, a organização social atendeu tanto a necessidade de defesa como de caça e ainda o cuidado com a prole. Assim, podemos concluir que a pressão ambiental colocou a sexualidade como um elemento chave, o cerne da formação dos laços familiares e afetivos. A evolução da forma de ovulação feminina também é levantada como um dos elementos que fomentaram a união parental para melhor desenvolvimento da prole.

Podemos dizer então que a sexualidade foi um dos elementos cruciais para o desenvolvimento social e cultural do homem. Para Freud a mesma questão é apresentada no âmbito individual, é o instinto sexual que direciona o desenvolvimento do indivíduo e impulsiona a relação com o outro. Como vimos nos *Três Ensaio*s (1905), Freud aponta que as experiências sexuais infantis formaram modelos e padrões determinantes para a vida adulta. O chuchar da criança é apontada como a primeira atividade sexual do bebê, partindo da necessidade de se alimentar o bebê passa a manipular o seio materno como forma de buscar a repetição do ato prazeroso de satisfação da fome. A mãe é a primeira a viabilizar a estimulação erótica do bebê e por todo o caminho do desenvolvimento psicosssexual da criança, o outro – seja mãe ou outra figura próxima – exercerá esse tipo de papel.

O exemplo do chuchar demonstra como a sexualidade se desenvolve pautada na experiência somática, ou seja, apoiada nesta. Freud aponta que existem regiões predestinadas a serem mais sensíveis em relação a estimulação erógena, e que ao longo do desenvolvimento da criança essas zonas são exploradas para fins de aprendizagem.

Apenas quando a função exclusivamente biológica cessa, é que o comportamento pode ser considerado como sexual. Essas regiões predestinadas e mais sensíveis a um tipo de estimulação ao longo do desenvolvimento psicosexual podem tomar um papel mais ou menos relevante para a criança e isso ocorre de acordo com a maturação biológica, conforme o processo de aprendizagem.

Wilson (1981) também aponta a existência de tendências biológicas para o desenvolvimento que são moldadas conforme o processo social e cultural em que o indivíduo está envolvido, ou seja, elas ganham maior ou menor enfoque conforme as fases do desenvolvimento biológico se relacionam com os papéis e convenções culturais.

Podemos concluir que a sexualidade tem importância evolutiva e biológica, embora que não coincidente com a reprodução, para a espécie humana. Em relação ao conceito e seus desdobramentos, indicamos aqui que há uma convergência entre a concepção freudiana de sexualidade e concepção das ciências biológicas. E embora a psicanálise não seja vista como uma ciência ligada às ciências biológicas, ela tem contribuído de forma significativa para compreensão desse fenômeno.

Assumir o caráter instintivo e biológico da sexualidade não diminui em nada o seu papel dentro da compreensão da sociedade e da cultura, na verdade salienta a importância da sexualidade no estabelecimento e consolidação das formas especificamente humanas de sociabilidade.

3.2 A tensão entre endogamia e exogamia

Como demonstramos, a questão da endogamia é vista de diversas formas dentro das teorias biológicas, diferentes estudos apontam que o tabu do incesto aparece de diversas formas em diferentes culturas, o que o caracterizaria como um fenômeno universal. Para Aberle *et all* (1963) tentar compreender como essa relação surgiu é uma tentativa inútil, considerando a variedade ambiental e a variedade das formas em que o tabu aparece, tal exercício é infrutífero.

Seria errôneo também supor que este tabu seria adaptativo, o que podemos afirmar é que uma vez que as restrições em relação a endogamia existiam de diversas formas e se desenvolveram e permaneceram como parte da cultura, certamente isto ocorreu porque apresentavam mais potencial adaptativo do que outros comportamentos (Aberle et al., 1963).

Outro caminho para tentar entender essa questão é delimitar o grau de universalidade do tabu, ou seja, qual seria sua forma dominante entre as culturas e quais seriam os determinantes dessa forma. Como bem aponta Murdock (1945 apud Bagley 1969), os dados demonstram que apesar das diversas variações em relação a regra, todas as culturas apresentam um tipo de restrição relativa as relações entre parentes consanguíneos.

Para Murdock (1945 apud Bagley 1969), e também para Wilson, essa restrição está colocada junto a outros temas como cuidado pós-natal, restrições alimentares, ritos funerários, entre outros. Murdock ainda aponta que por ser um fenômeno universal que se apresenta de diferentes formas, seria diferente do proposto por Freud e também por Westermarck (Murdock 1945 apud Bagley 1969).

COLOCAR DATA DE NOVO.

COLOCAR NOTA AVISANDO QUE A CITAÇÃO.

Bagley aponta ainda que Westermarck se equivocou ao considerar que a convivência familiar restringiria a atração sexual e assim barraria as relações endogâmicas, desde que as pessoas tivessem convivido juntas desde crianças. E que Freud por sua vez, teria se equivocado ao considerar que os sentimentos incestuosos estariam presentes apenas entre parentes consanguíneos. Para Bagley, uma conciliação entre esses dois pontos de vista seria o de Parsons que reuni os pontos centrais de Freud e Westermarck ao destacar que o tabu é relacionado ao parentesco consanguíneo, como para ele propunha Freud, ao mesmo tempo em que também depende da convivência social como postulou Westermarck.

Westermarck, Murdock, Bagley e Parsons, assim como os trabalhos mais atuais de Cosmides e Tooby, destacam que a visão sobre o tabu do incesto para a psicanálise freudiana seria restrito ao âmbito familiar e ao parentesco, independente da convivência

social. Tal suposição se baseia na compreensão de que o fenômeno do Complexo de Édipo seria restrito a relação da criança com seus pais.

Os estudos de Lieberman, Tooby e Cosmides, de forma geral, seguem no sentido de afirmar que é necessária a convivência familiar para que haja o sentimento de coibição ao incesto. Em estudo de 2003, apresentam a suposição de um possível mecanismo neural responsável pela inibição à endogamia que se utilizaria principalmente da convivência residencial na infância como dica discriminativa. E concluem de forma taxativa que tal suposição não se aproximaria em nada das afirmações freudianas:

Esses resultados não podem ser facilmente harmonizados com a abordagem freudiana, que está implicada na dinâmica entre pais e filhos, e não na co-residência entre irmãos, como a variante chave da criação dos desejos incestuosos, a sua repressão e projeção na cultura. (Lieberman, Tooby & Cosmides, 2003)⁶ *tradução livre*

Freud categoricamente foi contrário as afirmações de Westermack a respeito do tabu do incesto, para ele era impensável que houvesse uma inibição inata ao incesto e principalmente que este mecanismo se estendesse as pessoas que compartilham da residência mesmo sem grau de parentesco. É válido compreender que Freud segue o mesmo caminho de Darwin, e que naquele dado momento histórico as consequências da endogamia não eram claras. Para Freud, seguindo de acordo com seus achados até o momento, o que parecia ser inato era justamente o sentimento oposto, o interesse sexual pelas figuras parentais, sendo as leis sociais responsáveis pela repressão desse sentimento. (Ritvo, 1992).

Para Freud, a mãe constitui a primeira via de acesso da criança ao prazer sexual e assim, está implicitamente ligada a satisfação deste. Como vimos em relação ao chuchar infantil, é pautado nas experiências somáticas que a sexualidade se desenvolve, considerando o ambiente das experiências infantis, a limitação física e dependência de adultos para garantia da sobrevivência, as figuras parentais surgem no momento

⁶Original:

These results cannot be easily reconciled with Freudian approaches, which implicate parent-offspring dynamics, not sibling co-residence, as the key variable creating incestuous wishes, their repression and their projection into cultural forms.

prototípico dessas experiências. Elas formam o modelo inicial do objeto de amor, o objeto que configura o que a criança irá procurar como via de satisfação sexual na vida adulta.

Até aqui, podemos dizer que Freud e Westermarck teriam teorias que se aproximam, as figuras que convivem com a criança são determinantes para a formulação de seu desejo sexual, mas o ponto de divergência está na compreensão de em que forma se dá essa determinação. Os seguidores de Westermarck, estão corretos quando apontam que Freud indicava o desejo sexual da criança em relação as figuras parentais e não aversão, no entanto, se equivocam em relação a compreensão das consequências desse desejo.

Para Freud, o desejo incestuoso é claramente um produto natural, de certa forma inata, mas a repressão deste desejo não tem uma natureza exclusivamente social e cultural, desligada do aspecto congênito. Ele não aponta uma repressão biológica inata para esse desejo, mas para responder a como esse desejo se dissolveria ao longo do desenvolvimento infantil, ele desenvolveu o complexo de Édipo.

A maneira como o tabu do incesto se constrói é discorrido por Freud no desenvolvimento do complexo de Édipo. O complexo de Édipo ganhou papel central para os psicanalistas pós-freudianos e se tornou um dos pontos mais emblemáticos da obra de Freud, mas observa-se no texto freudiano que este complexo não ganhou tamanho enfoque do autor, sendo mais relevante as pontuações relacionados a angústia infantil diante da castração (momento pré edípico) e as consequências desta para a vida adulta (momento pós edípico).

Vemos no *Homem dos Lobos* (1918, p.86) que para Freud “as cenas de observação do ato sexual entre os pais, de sedução na infância e de *ameaça de castração são indubitavelmente patrimônios herdados*, herança filogenética, mas podem também ser aquisição da vivência individual”. A base dos elementos que constituem o complexo de Édipo são para Freud, elementos herdados, assim embora não possamos afirmar que Freud aponta uma repressão biológica inata ao incesto, há claramente evidências de uma tensão biológica em relação ao desejo pelas figuras parentais e a consumação deste.

Coerente com essa concepção freudiana, os estudos Fraley & Marks (2010) demonstram através de estudos empíricos que há tendência de maior atração diante de figuras que mesclam características próprias ou características familiares. Nesse estudo,

os autores indicaram uma aproximação com a concepção freudiana do desejo incestuoso, já que os participantes quando informados que a figura apresentada estava mesclada com a de si mesmo, indicaram baixo índice de atração, mesmo a figura em questão não tendo sido mesclada com a do participante.

Já no estudo de Jaffe & Alvarez (2004) vemos que a tendência chamada de “self seeking like”, seria um tipo de critério narcísico de escolha de parceiros. Os resultados do estudo indicaram que há uma forte relação entre semelhanças faciais e parceiros humanos em relacionamentos de longo prazo. Esse padrão de semelhança fácil se relaciona positivamente com o critério de atratividade sexual apresentado.

Esses dados seriam coerentes com a concepção freudiana, o desejo incestuoso coibido é de certa forma revivido na vida adulta, formando um padrão que foi determinado pelas experiências infantis. Os dados desses dois estudos aqui citados deixam em aberto até em que nível essa semelhança entre parceiros poderia ser identificada.

Associando os dados dos estudos apontados, poderíamos concluir que há por um lado uma tendência biológica ao incesto, assim como um limite repressor biológico que é fomentado pela cultura e imposição social. Dados convergentes com o apontado por Freud em relação ao desejo incestuoso:

(...)o mais provável é que eles passem, porque o seu período acabou, porque as crianças ingressaram numa nova fase de desenvolvimento, na qual são compelidas a recapitular, a partir da história da humanidade, a repressão de uma escolha objetal incestuosa, tal como numa etapa anterior, foram obrigadas a efetuar uma *escolha objetal dessa mesma natureza*¹. (1- o complexo de Édipo - Freud, 1919, p.204)

Assim, seguindo o apresentado por Thiessen & Gregg (1980), podemos concluir que essa tensão de escolha de parceiros entre o familiar e o diferente, seria o coerente com a estratégia de acasalamento associativo (*associative mating*), seria uma otimização transmissão genética que tem o seu limite entre a endogamia e a heterogamia. Coerente ainda com o apontado por Wilson (1981), a possível existência de regras de aprendizagem inconscientes, o tabu do incesto seria uma caso especial de regras mais

gerais que indicam que as pessoas estão preparadas para aprender as relações geneticamente mais vantajosas.

Podemos concluir que, em relação à escolha de parceiros, há uma tensão entre as tendências endogâmicas e exogâmicas. Essa tensão seria convergente com a concepção freudiana de escolha de objeto que indica que tal escolha é fundamentada na formação do eu, conseqüente dos eventos relacionados ao complexo de Castração e o complexo de Édipo. O limite dessa convergência está na concepção de em que nível esta tensão se dá no âmbito inato ou aprendido, porém compreendendo que dentro de uma perspectiva naturalista não haveria motivos para conceber o aprendido como não natural.

4. Considerações finais

Dentro desse contexto, observa-se que as relações entre a psicanálise, a biologia e a sociobiologia têm-se mostrado cada vez mais profícuas, no sentido de que permitem rever as suposições freudianas e complementá-las ou corrigi-las com os dados de estudos atuais que vão ao encontro dessas suposições. Ao mesmo tempo, pode-se esperar um enriquecimento e uma sofisticação das teorias biológicas do comportamento humano pela incorporação dos dados psicanalíticos.

Embora a relação da psicanálise com a biologia tenha sido negada pela maior parte dos seguidores freudianos, estava claramente presente em Freud – de forma mais explícita no início de sua obra, mas nunca desaparecendo – a ideia de que as ciências biológicas poderiam se beneficiar do conhecimento psicanalítico e vice-versa, desde que estabelecidas as bases corretas para esse diálogo. Compreendemos que, hoje, estamos num momento da história da ciência que nos permite esse diálogo, essas aproximações e essas revisões recíprocas. A discussão das condições para tanto, de suas implicações e consequências é uma das tarefas da filosofia das ciências e da análise epistemológica. Até o dado momento, tal relação indica ser bastante profícua e de mútua contribuição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aberle, D. F., Bronfenbrenner, U., Hess, E. H., Miller, D. R., Schneider, D. M., & Spuhler, J. N. (1963). The incest taboo and the mating patterns of animals. *American Anthropologist*, *65*(2), 253-265.

Ades, C. (2001). Freud as enguias, e a ruptura epistemológica. . *Psicol. USP*, São Paulo, v.12, n.2, 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01035642001000200010&lng=en&nrm=iso>. Access on 28 Oct. 2010. doi: 10.1590/S0103-65642001000200010.

Bagley, C. (1969). Incest behavior and incest taboo. *Social Problems*, *16* (4), 505-519.

Bevc, I., & Silverman, I. (2000). Early separation and sibling incest: A test of the revised Westermarck theory. *Evolution and Human Behavior*, *21*(3), 151-161.

Darwin, C. The descent of man, and selection in relation to sex. London: John Murray . 1st ed, 1871.

_____. The expression of the emotions in man and animals. London: John Murray . 1st ed., 1872.

Diamond, J. (1991). The third chimpanzee: the evolution and future of the human animal. New York: Harper, 2006.

Diamond, J. Por quê o sexo é divertido?- A evolução da sexualidade humana. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Fraley, R. C., & Marks, M. J. (2010). Westermarck, Freud, and the incest taboo: does familial resemblance activate sexual attraction?. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *36*(9), 1202-1212

Freud, S. (1900). Interpretação de Sonhos. In: FREUD, S. A Interpretação de Sonhos (II) e Sobre os Sonhos. ESB Vol V. Rio de Janeiro: Imago, 1977

_____ (1905) Três EnsaioS Sobre a Teoria da Sexualidade. In: FREUD, S. Um Caso de Histeria, Três EnsaioS sobre a Sexualidade e outros trabalhos. ESB Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 123-252.

_____ (1914). Sobre o Narcisismo: Uma IntroduçãO. In: FREUD, S. A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos. ESB Vol XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 81-108.

_____ (1915) A PulsãO e Suas Vicissitudes. In: FREUD, S. A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos. ESB Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 129-162.

_____ (1924) A DissoluçãO do Complexo de Édipo. In: FREUD, S. Um Estudo AutobiogrÁfico, InibiçãO, Sintoma e Angústia, Análise Leiga e outros trabalhos. ESB VolXX. Rio de Janeiro: Imago, 1974, pp. 165-175.

_____ (1927). O Fetichismo. In: FREUD, S. Um Estudo AutobiogrÁfico, InibiçãO, Sintoma e Angústia, Análise Leiga e outros trabalhos. ESB Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1974, pp. 175-185.

_____ (1930). O Mal-Estar na CivilizaçãO. In: FREUD, S. O Futuro de uma IlusãO, O Mal-Estar na CivilizaçãO e outros trabalhos. ESB Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 81-177.

_____ (1896) “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” e “A sexualidade na etiologia das neuroses”. In: EdiçãO Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Volume III. 3ª ed., Rio de Janeiro: Imago, 1994.

Fulgencio, L. (2002). A teoria da libido em Freud como uma hipótese especulativa. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 5(1), 101-111. Retive August 15, 2013, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982002000100008&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1516-14982002000100008.

Jaffe, K. (1998). Sex, mate selection, and evolution. In *Evolutionary Programming VII* (pp. 483-492). Springer Berlin Heidelberg

Kandel, E. R. Psychiatry, psychoanalysis, and the new biology of mind. Washington, DC: American Psychiatric Publishing, Inc., 2005.

Lieberman, D., Fessler, D. M., & Smith, A. (2011). The Relationship Between Familial Resemblance and Sexual Attraction An Update on Westermarck, Freud, and the Incest Taboo. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 37(9), 1229-1232.

Low, B. S. (2001). *Why sex matters: A Darwinian look at human behavior*. Princeton University Press.

Spain, D. H. (1987). The Westermarck-Freud incest-theory debate: An evaluation and reformulation. *Current Anthropology*.

Ritvo, L. B.. A influência de Darwin sobre Freud. Rio de Janeiro, Imago,1992.

Roudinesco, E. A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2007.

SILLÉN-TULLBERG, B., & MOLLER, A. P.. The relationship between concealed ovulation and mating systems in anthropoid primates: a phylogenetic analysis. *American Naturalist*, 1-25, 1993.

SIMANKE, R.T. Neither philosopher nor anti-philosopher: remarks on the role of philosophical references in the construction of Lacan's psychoanalysis. *Nat. hum.* [online]. 2005, vol.7, n.1 [citado 2011-03-15], pp. 9-58 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302005000200001&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1517-2430.

Tooby, J., & Cosmides, L. (1989). Adaption Versus Phylogeny: The Role of Animal Psychology in The Study of Human Behavior. *International Journal of Comparative Psychology*, 2(3).

WILSON, E.O, (1978). Da natureza humana. São Paulo, EDUSP, 1981.

